

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE
CURSO DE HISTÓRIA

Caroline Adam

**A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1950 A PARTIR DA IMPRENSA
PASSO-FUNDENSE: *DIÁRIO DA MANHÃ E O NACIONAL***

Passo Fundo/RS

2024

Caroline Adam

**A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1950 A PARTIR DA IMPRENSA
PASSO-FUNDENSE: *DIÁRIO DA MANHÃ E O NACIONAL***

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Humanidades
Ciências e Criatividade da Universidade de
Passo Fundo como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Me. Mateus Fiorentini

Passo Fundo/RS

2024

Dedico a minha família por apoiar-me, aos amigos por encorajar-me e aos mestres pela jornada de construção do conhecimento.

LISTA DE SIGLAS

AIB - Aliança Integralista Brasileira
ANL - Aliança Nacional Libertadora
DASP - Departamento Administrativo do Serviço Público
DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda
FAB - Forças Armadas Brasileiras
FEB - Forças Expedicionárias Brasileiras
FGV CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LEC - Liga Católica Eleitoral
PAN - Partido Agrário Nacional
PCB - Partido Comunista do Brasil
PL - Partido Libertador
PR - Partido Republicano
PRP - Partido de Representação Popular
PSB - Partido Socialista Brasileiro
PSD - Partido Social Democrático
PSP - Partido Social Progressista
PTB - Partido Trabalhista Brasileiro
TSE - Tribunal Superior Eleitoral
UDN - União Democrática Nacional

SUMÁRIO

1. DO EXÍLIO EM SÃO BORJA À VOLTA “NOS BRAÇOS DO POVO”: FIM DO ESTADO NOVO E ELEIÇÕES DE 1950 NA GRANDE IMPRENSA.....	11
1.1 - A redemocratização nas eleições de 1946 e o “exílio” em São Borja.....	11
1.2 - “Nos braços do povo”: o governo Dutra (1946-1950) e o retorno de Vargas ao governo.....	18
1.3 - A volta de Getúlio vista pela imprensa nacional: Diretrizes e Tribuna da Imprensa.....	23
1.3.1. O Tribuna da Imprensa.....	25
1.3.2. Diretrizes.....	27
2. BOTA O RETRATO DO VELHO OUTRA VEZ, BOTA NO VELHO LUGAR: AS ELEIÇÕES DE 1950 E A IMPRENSA PASSO-FUNDENSE.....	30
2.1 - Conhecendo os periódicos Diário da Manhã e O Nacional.....	31
2.2 - Articulações políticas e a imprensa passo-fundense nas eleições de 1950.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
FONTES.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
ANEXOS.....	73

INTRODUÇÃO

A pesquisa histórica pode ser feita de diversas maneiras, ocupando-se de fontes variadas, tanto em formatos, quanto em perspectivas e metodologias. Dito isso, seria possível estudar a campanha presidencial brasileira de 1950 a partir de distintas fontes e percepções. Todavia, considerando a imprensa especialmente rica em conteúdo informativo e também ideológico, por ser capaz de apresentar perspectivas da sociedade da época, iremos utilizá-la como fonte desta pesquisa.

Assim, buscaremos analisar o processo de campanha eleitoral de 3 de outubro de 1950 a partir da imprensa passo-fundense, mais especificamente ocupando-se dos periódicos *Diário da Manhã* e *O Nacional*, salvaguardados respectivamente no Instituto Histórico de Passo Fundo (IHPF) e no Arquivo Histórico Regional (AHR), junto a Universidade de Passo Fundo (UPF). Ou seja, desse modo estaremos estudando os objetos tradicionais da História Política, mas com uma nova fonte, a imprensa.

Portanto, o objetivo da presente pesquisa é explorar a repercussão da campanha presidencial brasileira de 1950, na cidade de Passo Fundo, compreendendo como as eleições foram retratadas na imprensa local. Buscando também desvelar a relação dos periódicos *Diário da Manhã* e *O Nacional* com os partidos e candidatos que apoiaram e/ou fizeram oposição, visando também abranger as motivações políticas desse posicionamento. Logo, de que modo esse evento de grande relevância nacional, repercutiu na imprensa local de Passo Fundo?

O uso de periódicos como estes, no estudo da História, só se tornou possível a partir da reelaboração da História Política, que a partir dos anos 1980 ficou conhecida como *Nova História Política*. A partir daí, atribuíram-se novos significados a política e agentes políticos, possibilitando uma nova visão acerca dos estudos e pesquisas que tratam de política e todos os elementos relacionados a esta, como seus paradigmas, conceitos e procedimentos metodológicos.

Ao longo dos anos, a História se inventa e se reinventa, a depender do tempo e do espaço, diferentes concepções historiográficas estão “em alta.” Todavia, de acordo com Barros (2009, p. 148), trata-se, “muito mais de um desenvolvimento lógico da historiografia e de sua inserção no contexto da história recente, do que de uma simples moda historiográfica que retorna para compensar seus anos de relativo eclipse.” O autor utiliza o termo *eclipse*, pois a História Política, antes dessa reinvenção conceitual, esteve, digamos assim, em

segundo plano nas pesquisas históricas. Justamente pela sua rigidez, tanto no que diz respeito aos objetos de pesquisa como das fontes que poderiam ser utilizadas.

De todo modo, isso não quer dizer que os objetos tradicionais da História Política (personagens políticos, guerras, diplomacia, instituições estatais) ficaram de lado, mas se tornaram passíveis de novas abordagens e perspectivas. Segundo Barros (2009), dentro dessa perspectiva, surgiram novos objetos de estudo como representações políticas (ideias, símbolos, mitos políticos, representações do poder), relações inter-individuais (relações interindividuais conectadas ao universo político, relações intrafamiliares e micropoderes) e relações políticas entre grupos (tensões sociais, hierarquias e ideologias).

Ainda de acordo com Barros (2009), essa reelaboração dos antigos objetos e o surgimento de novos, para além daqueles que pertencem ao âmbito estatal, só se torna possível a partir da ampliação da abrangência do conceito de poder, esse não estaria mais associado apenas a instituições formais, mas ao próprio teatro social em que estamos inseridos, ou seja, dentro do nosso cotidiano. Além disso, o autor afirma que a inserção da interdisciplinaridade na pesquisa histórica também torna isso possível, realizando uma parceria entre História Social, Política, Cultural e Econômica. Nesse sentido que surgiu o conceito de *cultura política*:

a “cultura política” é um conceito que permite estabelecer uma ponte entre os sistemas políticos propriamente ditos e os aspectos imaginários de uma sociedade, seus rituais, suas práticas, seus discursos, suas representações políticas. Na História Política recente por tanto, a operacionalização desse conceito corresponde a possibilidade de incorporar, de modo mais integrado, as perspectivas sociológica, antropológica e psicológica ao estudo dos novos objetos que haviam sido conquistados pela história política a partir da expansão interna da noção de “poder”. (Barros, 2009. p. 153)

Sobre essa interdisciplinaridade, Pierre Rosanvallon (1995, p. 11), diz que há uma “aproximação progressiva das problemáticas de análise do político e de especialistas oriundos de diferentes disciplinas.” Desse modo, ao passo que a História Política se conectou à História Social e Cultural, novas fontes de pesquisa passaram a integrar os estudos do campo político. A imprensa, utilizada como fonte no presente trabalho, para compreender o processo eleitoral de 1950 na cidade de Passo Fundo, é um exemplo dos resultados dessa reformulação dessa corrente.

É imprescindível compreender os conceitos, paradigmas e métodos que englobam a História Política, bem como a trajetória e evolução destes, ao realizar uma pesquisa que aborda um tema dentro desse campo histórico. Desta maneira, a história conceitual do

político, promove uma articulação entre passado e presente, sendo importante o questionamento e a compreensão de ambos no processo de construção da História

Ela é história política na medida em que a esfera do político é o lugar da articulação do social e sua representação. Ela é história conceitual porque é ao redor de conceitos - a igualdade, a soberania, a democracia etc - que se amarram e se comprovam a inteligibilidade das situações e o princípio de sua ativação. (Rosanvallon, 1998. p. 16).

Uma vez que nosso objeto de estudo são as eleições presidenciais de 1950, precisamos explorar também a pesquisa do próprio fato eleitoral, a partir da teorização de René Rémond (2003. p. 40). De acordo com o autor, até a Primeira Guerra Mundial, o estudo das eleições tinha como objetivo apenas compreender duas consequências, “o que elas modificavam no equilíbrio das forças [...], a composição dos governos e funcionamento das instituições”. No entanto, depois da Grande Guerra, uma nova perspectiva passou a vigorar nestes estudos e percebeu-se que “uma eleição é também um indicador do espírito público, um revelador da opinião pública e de seus movimentos.” (Rémond, 200, p. 40) Deste modo, todo o jogo político que integra as eleições, passa a ser objeto de pesquisa da Nova História Política. Portanto, esse movimento de renovação historiográfica tornou possível pesquisas como essa, tanto pelas fontes utilizadas, os jornais *Diário da Manhã* e *O Nacional*, quanto o próprio objeto de pesquisa, as eleições de 1950 no Brasil.

A campanha eleitoral de 1950 para presidente do Brasil, contou com quatro candidatos oficiais, sendo eles: Getúlio Vargas, Eduardo Gomes, Cristiano Machado e João Mangabeira. Para vice-presidente, concorreram cinco homens: Café Filho, na chapa de Vargas, Odilon Braga apoiado por Eduardo Gomes, Altino Arantes, candidato de Cristiano Machado, Vitorino Freire e Alípio Corrêa. Procuraremos apresentar, brevemente, os três principais concorrentes, Vargas, Gomes e Machado.

Ainda com base em Queler (2015), podemos relacionar essa propaganda política feita por populares, como um meio de participação política e exercício da cidadania. Essa propaganda, apesar de “voluntária”, tinha suas motivações, para o historiador mencionado, “essa publicidade parecia ser movida por interesses materiais e simbólicos associados à legislação trabalhista.” (Queler, 2015, p. 9). Logo, os eleitores tinham suas próprias interpretações e leitura do cenário político da época. Através da campanha voluntária, participavam da política. E se a grande imprensa estava contra Getúlio, na sociedade civil haviam vários grupos o apoiando.

É discutível a imagem que Getúlio assumiu durante o processo eleitoral, já que em seu primeiro mandato, realizou dois golpes de Estado, foi um líder ditatorial de 1938 a 1945. Sendo assim, em 1950, Getúlio precisa incorporar e representar a imagem de um democrata, tendo em vista que precisava ganhar as eleições. Logicamente, ao mesmo tempo em que muitos acreditavam no surgimento de um Getúlio refigurado,

havia os que enxergavam nele apenas a figura de um demagogo que, com singular oportunismo, aproveitara o processo de abertura democrática do país para se reinventar como chefe político, abraçando teses historicamente associadas a esquerda. (Neto, 2014, p. 196).

Faz-se necessário apresentar o cenário da imprensa passo-fundense, que integra o objeto de estudo e a fonte do presente trabalho, através dos periódicos *O Nacional* e o *Diário da Manhã*. Ambos os periódicos tinham relevância na imprensa regional, se caracterizando já como jornais tradicionais e mantendo periodicidade diária. A partir destes, analisaremos como a eleição de 1950 foi noticiada em Passo Fundo. É importante ressaltar que *O Nacional* pode ser caracterizado como pró Getúlio Vargas, ficando nítido esse apoio nas matérias publicadas, já o *Diário da Manhã*, deixava clara a oposição a Vargas, enquanto promovia o Cristiano Machado, candidato do PSD, mesmo este tendo sido, abandonado pelos grandes nomes pessedistas.

O jornal *O Nacional*, foi fundado em 1925 e teve como idealizador e primeiro proprietário Theófilo Guimarães que, na década de 1940, passou para o controle para Múcio de Castro. É possível identificar que o periódico assumia uma “postura inicialmente republicana, expressava posições nitidamente pró-trabalhismo durante toda a década de 1950.” (Benvegnú, 2006, p. 19). É importante a informação sobre o diretor de *O Nacional*, pois no momento em que Múcio de Castro rompeu com o PTB, nos anos 1960, a orientação política do jornal também mudou e passou a atuar em oposição ao trabalhismo e ao PTB de Passo Fundo.

Já o *Diário da Manhã*, teve sua primeira edição no ano de 1935, fundado por Túlio Fontoura, de forte oposição getulista e ao trabalhismo. Segundo Sandra Mara (2006), o periódico tinha expressão republicana e à medida que seu proprietário adentrou ao meio político, o jornal se desviou do papel informativo assumindo motivações políticas. Sendo assim, nossas duas fontes de pesquisas, são politicamente opostas entre si, defendendo princípios diferentes, regidos pelos diretores e proprietários:

Convém salientar que o posicionamento político de Múcio de Castro se mostrava de forma um tanto mais branda em relação àquele expresso por Túlio Fontoura, marcadamente mais enfático, mais direto, mais defendido. Diferente, porém, seu comportamento quanto aos embates travados com Túlio Fontoura. Eram de igual para igual, permeados por qualificativos de forte conotação e significados políticos. (Benvegnú, 2006, p. 19)

Posto isso, os motivos que justificam essa oposição a Vargas são antigos, em síntese, originam-se da Era Vargas, mais especificamente do Estado Novo e ainda serão explorados com mais profundidade no presente trabalho. De modo, são frutos do Estado Novo e de todo o contexto de censura vivido pela imprensa na época.

O presente trabalho está organizado em dois capítulos, com o objetivo de apresentar o contexto histórico em que se realizaram as eleições de 1950 e a cobertura desse processo pela imprensa passo-fundense. O primeiro capítulo “Do exílio em São Borja à volta nos braços do povo: Fim do Estado Novo e eleições de 1950 na grande imprensa” aborda o processo que levou ao fim da Era Vargas e o período em que Getúlio “exilou-se” na vida estancieira de São Borja. O fim do governo Dutra e a baixa popularidade com que encerra seu mandato, também foram pauta de estudo, visando o retorno de Vargas à presidência como herói, por fim, explanou-se a maneira como a grande imprensa nacional noticiou o processo. Por fim, no segundo capítulo “Bota o retrato do velho outra vez, bota no velho lugar: Imprensa passo-fundense e as eleições de 1950” detalha-se as motivações políticas por detrás dos periódicos *O Nacional* e *Diário da Manhã*, bem como a cobertura das eleições de 1950 feitas por seus jornalistas. Ao passo que explora-se as articulações políticas na cidade de Passo Fundo.

1. DO EXÍLIO EM SÃO BORJA À VOLTA “NOS BRAÇOS DO POVO”: FIM DO ESTADO NOVO E ELEIÇÕES DE 1950 NA GRANDE IMPRENSA

O primeiro capítulo do trabalho, tem como objetivo apresentar o cenário histórico que antecedeu as eleições de 1950, e as principais características da política brasileira do período. Abordando o final do Estado Novo, as eleições de 1946, o governo Dutra e a imprensa nacional.

1.1 - A redemocratização nas eleições de 1946 e o “exílio” em São Borja

O período final do Estado Novo foi marcado por vários acontecimentos importantes para o cenário político dos anos seguintes. Por isso, neste tópico analisaremos o contexto da queda de Vargas, o processo de redemocratização em 1945 e a influência de Getúlio nas eleições de 1946, mesmo “exilado”¹ em São Borja.

O Estado Novo foi o período ditatorial da Era Vargas (1930-1945), abrangendo os últimos 8 anos desse período. Desde 1930, nomearam-se interventores no lugar dos governadores, buscando a centralização do poder executivo, no Rio Grande do Sul, ocorreram várias trocas nesses postos, ligados a conflitos políticos atrelados às tradições partidárias do estado. A repressão à oposição, a centralização política na figura do presidente e o caráter ilimitado do poder político do chefe de Estado, são características de uma ditadura. Logo, “o governo ditatorial não é refreado pela lei, coloca-se acima dela e transforma em lei a própria vontade” (Bobbio; Matteucci e Pasquino, 2004, p. 372).

Getúlio Vargas assumiu a figura de ditador, fechou o congresso, eliminou os partidos políticos e reprimiu quaisquer movimentos sociais e políticos, em 1937, o que seria reconhecido pela Constituição de 1937. A Constituição de 1937 tinha características semelhantes à Constituição fascista da Polônia de 1935, imposta pelo Marechal Pilsudski e por esta influência do fascismo europeu, o novo documento outorgado por Vargas recebeu o apelido de *A Polaca*. Desse modo, “o corporativismo e o Decreto-Lei, institutos marcantes da Carta Federal de 1937 guardam semelhanças com as disposições constantes na Constituição Polonesa de 1935” (Lopes e Santos, 2012, p.67).

Durante esse período, Vargas criou mecanismos para a manutenção do poder, através de órgãos públicos, como o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) visando a eficiência e fiscalização do serviço público e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que buscava regulamentar a imprensa e censurá-la conforme o plano

¹ Termo entre aspas, pois Vargas não sofreu nenhuma sanção política real.

governamental. O DIP também era responsável pela propaganda, sendo uma das principais armas políticas do período ditatorial da Era Vargas, e “a peça-chave que ligou o sistema e o fez funcionar” (Schwarcz e Starling, 2018, p. 376)

Dito isso, mesmo com todos os instrumentos para legitimar o regime, um fator importante para a compreensão do processo que leva ao fim do Estado Novo, é, justamente, o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Em agosto de 1942, Vargas declarou guerra aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), após quase três anos de “neutralidade” brasileira no conflito, em função de acordos comerciais feitos tanto com países Aliados, quanto do Eixo. Quanto à situação interna brasileira, o presidente buscou manter o controle entre as relações do setor germanófilo do governo e as autoridades que defendiam a entrada na guerra ao lado dos Aliados, como Oswaldo Aranha, diplomata e político que se destacou na Era Vargas. O fim da “neutralidade” brasileira no conflito, envolveu ataques a navios brasileiros por submarinos alemães e a possibilidade de estreitar laços políticos e comerciais com os EUA. Ainda, a pressão popular para que o Brasil entrasse na guerra influenciou a decisão do presidente, de acordo Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2018, p. 384) “a população saiu às ruas e promoveu as primeiras grandes manifestações públicas desde o início da ditadura: exigia a entrada imediata do Brasil na guerra, ao lado dos aliados”.

A participação brasileira no conflito pode ser considerada contraditória, pois no plano internacional, os soldados da FEB e FAB posicionavam o Brasil ao lado dos defensores da democracia, enquanto internamente o país vivia uma ditadura com características fascistas. Por isso, com o fim da guerra, a FEB foi rapidamente desmobilizada, configurando um sinal do receio que Getúlio tinha de uma possível revolta por parte dos soldados expedicionários, intensificando a crise política do seu governo e abalando ainda mais a relação com as Forças Armadas. Diante disso, podemos dizer que o envolvimento do Brasil nesse conflito acelerou o fim do Estado Novo, através do protagonismo do alto escalão das forças armadas no golpe de Estado promovido em agosto de 1945, que depôs Vargas.

De 1938 a 1945 o Estado Novo, com suas peculiaridades nas diferentes regiões do Brasil, ditou as regras do sistema político brasileiro e suprimiu a oposição. Contudo, percebendo o esgotamento do sistema político que estava conduzindo até então e frente às inúmeras críticas superando a censura, Getúlio iniciou o processo de abertura política em fins de 1944, deu fim ao DIP, promoveu a anistia de presos políticos, como o líder comunitário Luís Carlos Prestes, e anunciou a volta dos partidos políticos à ativa. Dessa forma, Vargas promoveu os alinhamentos necessários para que ocorresse, ainda em 1945, uma eleição democrática para escolher um novo presidente para o Brasil.

A construção do sistema partidário brasileiro é um legado de Getúlio Vargas, “mas que requereu, em larga medida, a superação da própria figura do estadista.” (Hippolito, 2004, p.23). Como comentado anteriormente, os partidos políticos mais expressivos da época foram idealizados por Vargas, como é o caso do Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Além de partidos formados com o objetivo de fazer uma forte oposição ao getulismo, como a União Democrática Nacional (UDN):

O Partido Social Democrático (PSD), fundado em 17 de julho de 1945, começou a ser organizado primeiro nos estados, sob a liderança dos interventores, reunindo membros da administração estadual e outras forças que apoiavam o governo [...] O Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), fundado em 15 de maio de 1945, reuniu, sob a coordenação do Ministério do Trabalho, basicamente operários urbanos e sindicatos. É consensual a ideia de que Getúlio concebeu o PTB como um anteparo entre os trabalhadores e o Partido Comunista, que acabara de reingressar na legalidade. Já a União Democrática Nacional (UDN) nasceu em 7 de abril de 1945, como frente de oposição à ditadura do Estado Novo, defendendo liberdades democráticas [...] Reunia oligarquias apeadas do poder pela Revolução de 30, aliados de Getúlio que passaram para a oposição a partir de 1932 até 1937, participantes do Estado Novo que se afastaram antes de 1945, grupos liberais nos estados e as esquerdas. (Hippolito, 2004, p.23)

De acordo com Ângela Flach e Claudira do S. C. Cardoso (2007, p. 59), também formaram-se partidos pequenos, se comparado aos outros, mas que possuíam força eleitoral em certas regiões do país, entre eles: Partido Social Progressista (PSP), Partido de Representação Popular (PRP) e Partido Republicano (PR). “Mesmo assim, essas forças políticas se estruturam tendo como principal elemento de divisão partidária o apoio ou a oposição a Getúlio Vargas.” Outros partidos ainda mais regionalizados, como o Partido Liberal (PL) e Partido Social Progressista (PSP) também surgem nessa época, e o Partido Comunista do Brasil (PCB) retornou a ativa, por um breve período.

É interessante comparar o desenvolvimento de alguns partidos, como PSD, PTB e UDN e seus resultados nas eleições de 1945, para abordar no próximo item, as eleições de 1950. O processo eleitoral de 02 de dezembro de 1945 “foi marcado pela participação dos partidos que obtiveram registro legal junto ao TSE, cuja principal exigência era que as agremiações partidárias fossem nacionais e não mais regionais, como no período anterior” (Flach e Cardoso, 2007, p. 60). Essa medida objetivava barrar o ressurgimento dos partidos oligárquicos, tradicionais até 1930, e conter o crescimento do PCB que colhia os louros do protagonismo soviético na derrota do nazismo durante a II Guerra Mundial. Todavia, “acabou por privilegiar o partido de sustentação oficial ao governo federal, o PSD, que se beneficiou

com a permanência em grande parte da estrutura burocrática do Estado Novo” (Flach e Cardoso, 2007, p. 60).

No entanto, mesmo tentando barrar o ressurgimento desses partidos oligárquicos, muitas das características dessa política tradicional estiveram presentes no processo de redemocratização:

A reorganização partidária na conjuntura de redemocratização, apesar das manifestações ocorridas na sociedade brasileira como um todo, vai girar basicamente em torno das elites políticas tradicionais do país. Num primeiro momento, apenas o PCB parece constituir novidade no processo. (Cânepa, 2005, p. 101).

Essa reconfiguração do sistema partidário brasileiro assumiu formas variadas de acordo com os contextos regionais do país. No Rio Grande do Sul, onde se concentra o foco da presente pesquisa, pode se dizer que esse processo deu-se de forma diferente do panorama nacional. No estado, o embate entre PTB e PSD se deu de forma muito mais intensa do que PTB e UDN, expressão mais comum nos grandes centros políticos da região Sudeste. Desse modo, na terra natal de Vargas “inicialmente, organizaram-se PSD e PTB pró-Getúlio; UDN e PL, anti Getúlio; PCB e PRP, ambos se diferenciavam da fragmentação inicial dos blocos anteriores, pois assumiram posições de cunho ideológico” (Flach e Cardoso, 2007, p.61). Portanto, a UDN não possuía grande relevância no estado e também em Passo Fundo, centro político importante para o estado, na década de 1950.

Em 28 de maio, através de um decreto presidencial, as eleições foram convocadas para o dia 02 de dezembro de 1945, impulsionando a corrida pelo cargo de presidente da república brasileira que indicava a seguinte configuração:

Às vésperas da eleição de 2 de dezembro de 1945, a situação era a seguinte: tanto “os de dentro”, quanto os “de fora” não comunistas haviam apresentando, como candidatos, militares de alta patente, esperando dar às respectivas campanhas roupagens não-partidárias. (Skidmore, 2003, p. 89)

De acordo com Thomas Skidmore (2003), iniciados os preparativos para o processo de abertura política, a candidatura do militar Eduardo Gomes à presidência, pela UDN, foi lançada antes mesmo da publicação das datas e prazos referentes às eleições. Enquanto isso, Vargas, sem muita convicção, só concedeu o apoio a Dutra após ser convencido por João Neves da Fontoura, político e diplomata conhecido de longa data de Getúlio, e Hugo Borghi, empresário e político, sob o argumento de que, entre o brigadeiro e o general, o segundo

facilitaria a sua volta ao governo. O prestígio de Vargas converteu seu apoio em fator decisivo para a vitória de Dutra garantindo sua influência sobre o novo governo.

o apoio pode ter sido a contragosto, mas a candidatura de Dutra tinha grande utilidade na definição de sua estratégia política: servia bem para dividir as Forças Armadas, reduzia o apoio eleitoral de Eduardo Gomes e desviava o foco de atenção dos adversários a movimentação continuísta desenvolvida pelo palácio do Catete. (Schwarcz e Starling, 2018, p. 386)

Desse modo, a candidatura de Eduardo Gomes pela UDN configurou-se como expressão de uma ampla frente de oposição ao Estado Novo e ao próprio Vargas. Já a candidatura de Dutra, pelo PSD, estava atrelada ao governo Vargas, deve-se isso ao fato das principais lideranças partidárias estarem ligadas às interventorias estaduais, ademais, o próprio candidato participou ativamente do regime ditatorial.

Essa reabertura política foi demorada, intensificando a campanha da oposição exigindo a queda de Getúlio. Em paralelo, ocorreu o movimento Queremista, de expressão popular que defendia a permanência do presidente no cargo, por associá-lo, principalmente, aos direitos trabalhistas conquistados, temendo perdê-los, caso Vargas fosse deposto. Ainda, o movimento defendeu o adiamento do processo eleitoral e a possibilidade de convocar eleições para uma Assembleia Constituinte. Logo, o grande apoio popular conferido pelo movimento queremista deixou a oposição receosa de que Getúlio desse um novo golpe. Aliado a isso, uma série de mudanças na legislação eleitoral ampliou a desconfiança por parte da UDN e das Forças Armadas a respeito das possíveis intenções golpistas do chefe do executivo nacional. Assim, um movimento coordenado entre militares obrigou Getúlio a renunciar e deixar o Catete (Neto, 2014).

Nesse contexto, Skidmore (2003) destaca o papel do general Góes Monteiro na articulação do golpe, que tomou como gota d'água do governo getulista, a nomeação de Benjamin Vargas (irmão de Getúlio) a chefe de Polícia do Distrito Federal. Segundo o historiador, esse fato fortaleceu as convicções do general de que Getúlio tentaria promover um auto-golpe, tal qual ocorreu em 1937, com a instalação do Estado Novo. Certificado do apoio de oficiais superiores, Góes Monteiro, enviou Dutra no dia 29 de outubro de 1945, ao Catete para dar um ultimato a Getúlio: ou o presidente retirava a nomeação de seu irmão, ou enfrentaria a deposição pelo Exército. Vargas não levou o general a sério em um primeiro momento e recusou-se a acatar o ultimato, ao dar-se conta de que não se tratava de um blefe, já era tarde demais, Góes Monteiro havia mobilizado a guarnição local do exército e sitiado o palácio presidencial. Sob orientação do militar e antigo interventor federal no RS, Oswaldo

Cordeiro de Farias, Vargas foi convencido a deixar o palácio e partir imediatamente para São Borja.

Naquele final de 1945, após quinze anos ininterruptos no exercício do poder máximo da República, um humilhado Getúlio Vargas retorna a São Borja, na qualidade de cidadão comum, recebido como “hóspede” na velha propriedade da família, a estância Santos Reis, da qual era sócio minoritário. (Neto, 2014, p. 11.)

A abertura democrática após o fim do Estado Novo foi permeada de muitas atitudes dúbias por parte de Vargas. O então presidente acabou sendo deposto, José Linhares, então presidente do Supremo Tribunal Federal e do Tribunal Superior Eleitoral, assumiu interinamente o cargo de presidente da república. Essa ação, que surpreendeu Vargas, acabou com suas pretensões de manter total controle sobre o processo de democratização e consequentemente das eleições de 1945:

A maneira pela qual Vargas havia partido era importantíssima. Como Góes Monteiro lembraria mais tarde à UDN, o ditador foi deposto do cargo, não pelo poder da oposição civil, mas por decisão do alto comando do Exército. Não era, portanto, uma vitória conquistada apela influência política dos constitucionalistas liberais. Era, antes, um ato de força por parte dos generais. (Skidmore, 2003, p. 78)

Fato que pode provocar uma profunda reflexão acerca da participação militar na política brasileira e como Getúlio usou isso a seu favor enquanto pôde, até que o Exército não mais se viu como subordinado do governo, mas como parte do Estado. É possível refletir, ainda, a respeito de seu suicídio em 1954, durante seu segundo mandato como presidente, e como esse “adiou” o golpe militar brasileiro que ocorreria dez anos mais tarde.

O jornalista Lira Neto (2014), em seu extenso trabalho de pesquisa sobre a vida de Getúlio, apresenta alguns relatos do ex-presidente, registrados em documentos salvaguardados no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, vinculada à Fundação Getúlio Vargas (FGV-CPDOC). Em um desses relatos escritos enquanto estava “exilado” em São Borja, o ex-presidente comentou

A situação dramática da minha vida no desenrolar dos últimos acontecimentos pode ser resumida em poucas linhas. Um grupo de políticos, sob o pretexto de democratizar o Brasil, lançou mão de um militar como candidato à presidência da República, para com ele fazer a desordem. Eram os golpistas. Lançaram sobre mim, através de uma imprensa sem categoria moral, a conhecida campanha de ódio e difamações. (VARGAS. Getúlio, Notas. apud Neto, 2014, p. 15)

Assim, a partir desse relato, Vargas alegava ser vítima de um golpe de força, feito pelos militares, supostamente em nome da democracia, mas que haviam censurado os meios de comunicação e proibido suas atividades políticas. A ironia disso tudo, é que o ex-presidente, havia tomado as mesmas medidas ao longo do Estado Novo: tendo posto por exemplo, os partidos políticos na ilegalidade e perseguido opositores. Mas neste momento, defendeu a ideia de que houve uma “campanha sistemática” (VARGAS. Getúlio, Notas. apud Neto, 2014, p. 15) da oposição contra ele, mas citou também o apoio popular em favor de sua permanência na presidência. Segundo ele, essa reação popular teria acendido um alerta em seus opositores, que se mobilizam dentro do exército, obrigando-o a se retirar para São Borja, sua terra natal.

Vargas ainda relatou que os supostos traidores queriam “arrancar-me ao solo da pátria ou sequestrar-me a liberdade.” (VARGAS. Getúlio, Notas. apud Neto, 2014, p. 15). Falava em sacrificar-se pela política e pelos brasileiros, conforme já havia feito outras vezes, como na Revolução de 1930 e no golpe que instituiu o Estado Novo. Alegou que, talvez, apenas assim seria possível terminar com a perseguição política aos inocentes, acusando o governo interino de covarde, deixou esse testemunho ao “povo brasileiro” (VARGAS. Getúlio, Notas. apud Neto, 2014, p. 15), caso algo lhe ocorresse. Em síntese, “isolado” em São Borja, Getúlio adotou um discurso defensivo, mas também heroico, falando em sacrifícios, permitindo uma reflexão: seria esse relato um prelúdio de sua carta testamento escrita em 1954? De todo modo, mesmo na estância, Vargas mantinha-se informado politicamente através de jornais e correspondências enviadas por seus aliados e pelas cartas de sua filha Alzira, que procurava descrever um panorama do cenário político.

Algumas falas polêmicas do Brigadeiro Eduardo Gomes foram distorcidas pelo movimento queremista, indicando que o udenista teria dito que os getulistas eram “Uma malta de desocupados” (Neto, 2014, p.49) associando a palavra malta (que tinha um significado ligado a trabalhadores) à expressão marmiteiro. De acordo com Lira Neto (2014), a partir da ação de Hugo Borghi, o queremismo divulgou que Gomes estaria dispensando o voto dos marmiteiros, ou seja, da grande massa trabalhadora profundamente identificada com a imagem do criador da CLT.

Assim, os apoiadores de Dutra conseguiram dar a volta na campanha presidencial de 1946 que, até então, indicava uma possível vitória do brigadeiro Gomes à presidência. Possibilitou-se assim, que Vargas arrematasse a disputa, convocando os trabalhadores a voltarem em Dutra, através de um comunicado seu direto de São Borja, lido no último comício do candidato do PSD. Folders com o slogan “*Ele disse: votai em Dutra*” (Neto,

2014, p. 51) foram espalhados pelas ruas das capitais brasileiras. Assim, a campanha do general Dutra finalmente incorporou a massa popular com êxito, enquanto a campanha da UDN perdeu força, justamente por não ter esse apelo.

Para concluir o debate em torno das questões partidárias, é preciso destacar que o grande vencedor das eleições de 1946 foi o PSD. Pois, além de lograr o cargo de presidente para Eurico Gaspar Dutra, com uma vantajosa quantidade de votos, a agremiação ainda conseguiu eleger o mais número de deputados e senadores para a Constituinte de 1946. Fato que constata a expressiva força política de Getúlio Vargas na época, mesmo afastado do centro político.

É importante destacar que, mesmo retirando-se em São Borja, o ex-presidente não sofreu nenhuma sanção política real, não foi exilado e não perdeu seus direitos políticos. Mesmo sem se candidatar para compor a formação da Assembleia Nacional Constitucional de 1946, foi eleito senador pelo Rio Grande do Sul pelo PSD e por São Paulo pelo PTB. Além de se eleger à Câmara dos Deputados por seis estados: Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro, somando cerca de um milhão e meio de votos. (TSE)

1.2 - “Nos braços do povo”: o governo Dutra (1946-1950) e o retorno de Vargas ao governo

Neste tópico, abordaremos alguns aspectos principais do mandato do presidente Dutra à frente do Brasil, no campo político, econômico e social, de modo sucinto, além disso, serão abordados os passos dados por Getúlio enquanto rumava para seu segundo mandato.

Eurico Gaspar Dutra (Malin) nasceu em Cuiabá, Mato Grosso, em maio de 1883, construiu uma carreira militar exemplar. Em 1907, integrou a formação do Bloco Acadêmico Castilhistas, em Porto Alegre, conjuntamente com Getúlio Vargas e Pedro Aurélio de Góes Monteiro, passando a fazer parte das articulações políticas estaduais. Ao longo de sua vida militar, por diversas vezes atuou como “defensor da ordem” e, participando da repressão ao movimento tenentista, destacou-se. Mesmo tendo sido convidado a integrar o movimento Revolucionário de 1930, preferiu defender o governo de Washington Luís, não chegou a prejudicar sua carreira militar. Durante a Era Vargas, em várias ocasiões, Dutra se mostrou importante na defesa dos interesses do governo, como no Movimento Constitucionalista de 1932, lutando contra as forças paulistas que lideraram o movimento. Em 1936, foi nomeado para a pasta da Guerra, em paralelo ao fechamento progressivo do regime, inserindo o militar

nas articulações políticas que consolidaram o golpe de estado de 1937, assim, conjuntamente com Goés Monteiro e Getúlio Vargas, Dutra possibilitou a instauração do Estado Novo.

Tendo em vista o sufrágio de dois de dezembro, Getúlio e Dutra tiveram de deixar as “mágoas” políticas de lado, advindas do fatídico dia de 29 de outubro, data em que o gaúcho fora deposto. Por isso, almejando a derrota da UDN nas eleições presidenciais, Dutra logrou o cargo de presidente com o apoio de Getúlio e dos leais getulistas. Aqui nos cabe uma reflexão importante: a eleição de Dutra seria o final definitivo do Estado Novo ou uma continuidade do projeto de Vargas? Justamente pelo vínculo de Dutra com a governança do Estado Novo, seu governo não significou exatamente uma ruptura com o Estado Novo, acusação feita pela UDN, que figurou como a principal oposição a Getúlio.

O general Eurico Gaspar Dutra, candidato do PSD e apoiado por Getúlio Vargas, venceu no dia dois de dezembro de 1945, com 55,39% dos votos, de acordo com os dados do TSE (Tribunal Superior Eleitoral, s.d). As eleições de 1945 contaram com outros três candidatos: Eduardo Gomes, candidato pela UDN, tendo feito 34,74% dos votos nominais, Yeddo Fiúza do PCB em 3º lugar com inesperados 9,71% de votos e por último, Mário Rollim Telles, candidato pelo PAN, angariando 0,17% dos votos.

Dutra recebeu 3.251.507 votos, contra os 2.039.341 de Eduardo Gomes, número significativo, mas ainda muito distante do candidato que se elegeu. O pleito², de modo geral, contou com 6.006.209 votos, onde os votos em branco e nulos somaram cerca de 2,3%. Os quatro candidatos citados anteriormente foram os que tiveram a inscrição validada pelo TSE.

Podemos estimar que menos de 15% da população brasileira da época, estimada em 41 milhões (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, s.d), teria participado do pleito de 1945. O código eleitoral em vigência definia o voto como obrigatório para homens maiores de 18 anos e mulheres funcionárias públicas também maiores de 18 anos, para as demais mulheres o voto seguia sendo opcional. Analfabetos e praças não tinham direito ao voto, os primeiros viriam a conquistar o direito ao voto apenas em 1985.

Mesmo que a porcentagem pareça muito baixa, as eleições de 1946 configuram uma importante experiência democrática, obtendo mais sucesso desde a instauração da República Brasileira. Dessa maneira, muitos brasileiros puderam exercer o direito ao voto e viver a proposta democrática, com resultados eleitorais que de fato foram acatados, pelo menos no que tange ao cargo do presidente:

² Na Assembleia Nacional Constituinte, o PSD conquistou a maior parte das 328 cadeiras disponíveis, elegendo 176 parlamentares, já a UDN elegeu 87 e o PTB, um alcançou o número de 24 parlamentares, 15 cadeiras foram conquistadas pelo PCB, e o restante ficou dividido entre outros partidos menos expressivos.

As dificuldades para viabilizar o regime democrático no Brasil devem ter sido imensas. Afinal, os antecedentes conhecidos eram o autoritarismo dos anos 1930 e o liberalismo excludente da Primeira República. Até então, a sociedade brasileira não conhecera experiências de participação política ampliada. Era preciso, portanto, aprender a lidar com as regras do jogo democrático e a participar delas. Na década de 1930 a sociedade brasileira havia tido um importante aprendizado: o exercício dos direitos sociais com a promulgação das leis trabalhistas. É possível afirmar que o aprendizado de cidadania social já estava consolidado em fins de 1945. Mas com a Constituição de 1946, os brasileiros tiveram acesso aos direitos políticos. O momento que se abria era de grande importância: aprender a lidar com os direitos políticos e a exercer os direitos civis. (Ferreira, 2010, p.11)

Para exemplificar o quão baixa era essa porcentagem, vamos compará-las aos dados de hoje, buscando evitar qualquer tipo de anacronismo, apenas para ilustrar a evolução da democracia brasileira desde 1945. Nas últimas eleições presidenciais, ocorridas em 2022, haviam 156.454.011 pessoas aptas ao voto, dentre os quais compareceram 123.714.906 eleitores, em uma população de aproximadamente 203 milhões de pessoas (IBGE, s.d). Ou seja, em porcentagem, a parcela de participação da população é muito superior.

A Assembleia Constituinte eleita no final de 1945, elaborou uma nova Constituição. Publicada em 1946, o documento tratou-se da 5ª Constituição desde o Império Brasileiro e a 4ª da República Brasileira, representando um importante passo para a institucionalização da democracia brasileira. Em contraponto à Constituição de 1937, denominada como “A Polaca” devido a influência fascista, o documento elaborado em 1946 ficou conhecido como “A libertadora” pelo seu caráter democrático, uma vez que garantia a autonomia dos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário, contraditoriamente a constituição anterior. Estabeleceu, ainda, eleições diretas e obrigatórias para o executivo, a nível federal, estadual e municipal, através do voto secreto, para os civis letrados, excluindo analfabetos e praças, novamente. Embora considerada por muitos como liberal, a Constituição de 1946 instituiu o princípio garantidor característico do Estado de Bem Estar Social, em voga no período pós guerra e exportado pelos EUA a outros países do globo. (Neto, 2014)

No campo econômico, inicialmente seguiu-se uma corrente com tendências liberalizantes, defendendo menor interferência do Estado na economia. Mesmo assim, o governo Dutra não conseguiu elaborar um planejamento geral dos gastos federais de forma eficiente e, ao longo de todo o mandato, isso seguiu sendo um problema. Enquanto presidente, enfrentou a alta da inflação e, buscando controlá-la, liberou indiscriminadamente as importações a fim de promover mais competitividade de preço. De acordo com Schwarcz e Starling (2018) subsidiou-se taxas que, mesmo provocando a desaceleração da inflação,

diante da subvalorização do câmbio, custaram o rápido esgotamento da reserva nacional de libras esterlinas acumuladas durante a Segunda Guerra Mundial. Sobre essa queima imprudente da reserva nacional, o historiador estadunidense, Thomas Skidmore (2003, p. 97) afirma:

A política econômica do início do governo Dutra, baseada em um mínimo de controles em cada setor, bem cedo se mostrou contraproducente. As reservas cambiais que, em 1945 totalizaram US \$708 milhões foram virtualmente dissipadas depois de um ano e meio. A política de satisfazer a procura interna mantendo um alto nível de importações entrará em choque com o fato da limitada capacidade do Brasil para importar.

Portanto, em um contexto geral, os efeitos a longo prazo não foram positivos e a equipe econômica de Dutra precisou buscar outras alternativas. Segundo Skidmore (2003, p.97), em 1947 foi elaborado um conjunto de controles cambiais, que acabou resultando na chamada “industrialização espontânea”, conhecida assim pois não tinha como objetivo o controle cambial, mas sim a solução de problemas imediatos do campo econômicos, como inflação interna e desequilíbrio no balanço de pagamentos. Ainda de acordo com o autor, promoveu-se a alta valorização da moeda brasileira, diminuindo o nível de exportações e forçando investimentos no mercado interno brasileiro. Aproveitando a situação, o governo engatou uma política de crédito mais liberal, apresentando um índice econômico considerável ao final do governo. Em 1948 elaborou-se o Plano Salte, sigla formada pelas iniciais de Saúde, Alimentação, Transporte e Energia buscando coordenar os gastos públicos federais nessas áreas, a partir de recursos internos e empréstimos externos, todavia, apesar de algumas obras significativas, o plano fracassara de modo geral.

Em 1946, Dutra assinou um decreto, proibindo o jogo em todo o território nacional, a decisão acarretou na extinção de mais de 40 mil empregos nos cerca de 70 cassinos oficiais que existiam na época. Essa medida, de cunho moralista e conservadora, em um cenário de inflação crescente e economia estagnada, prejudicou ainda mais sua imagem junto a classe operária, assim “a presidência de Dutra foi arbitrária em política e desastrosa em economia.” (Schwarcz e Starling, 2018, p. 398).

Alinhado à política dos Estados Unidos no contexto da Guerra Fria, desde 1946 o presidente Dutra reuniu esforços para tranquilizar a Casa Branca que temia a possibilidade de que o governo brasileiro facilitasse a ampliação da influência comunista no maior país da América Latina. Inserindo-se, então, no cenário da luta anticomunista, utilizando o aparato

legal da constituição que permitia excluir partidos antidemocráticos, Dutra cassou o registro do PCB e também rompeu relações com a União Soviética em 1948.

A partir do seu posicionamento no combate ao comunismo, Dutra passou a estabelecer relação discrepante daquela que marcou o Estado Novo com os trabalhadores e o movimento sindical. O 1º de maio passou a carregar um profundo significado para os trabalhadores brasileiros na Era Vargas, no entanto, o Governo Dutra, além de não celebrar a data, organizou uma operação para reprimir manifestações por parte dos trabalhadores:

Para reprimir as manifestações populares, Dutra adotara o poderoso aparato policial e militar herdado do Estado Novo. Como consequência imediata, atraiu contra si o movimento operário, que já andava indisposto com o governo por causa da crise geral de abastecimento no país. Como efeito do pós-guerra, faltam produtos de primeira necessidade nas prateleiras das mercearias, mercados e armazéns brasileiros. (Neto, 2014, p. 75.)

É nesse cenário conturbado, do pós Segunda Guerra Mundial, em que as greves se tornaram endêmicas no Brasil, em busca de melhores salários e medidas de controle a inflação disparada no país, aumentando o custo de vida e impactando principalmente a classe operária. Fato que não ocorreu somente no Brasil, mas em vários países emergentes, durante esse período. Desse modo, Eurico Dutra passou a exercer um maior controle sobre a classe trabalhadora, interferindo em sindicatos e proibindo greves operárias, com base no Decreto-Lei de julho de 1946 que proibia atividades político-partidárias pelas organizações sindicais (BRASIL). Essa repressão ao movimento dos trabalhadores, prejudicou ainda mais a imagem de Dutra frente aos trabalhadores e, de acordo com Dandara de Oliveira (2016, p. 23):

A forma como as demandas dos trabalhadores eram tratadas, aproximou Dutra das políticas da Primeira República onde a repressão era a principal resposta para as exigências frente aos direitos que já haviam sido conquistados ao longo do governo Vargas e inseridos na Constituição de 1946.

Durante o governo Dutra, a bancada udenista manteve relações consideravelmente tranquilas com o presidente, dentro do espectro da oposição. Dutra concedeu aos udenistas cargos no governo, para dar fim às acusações que estaria continuidade ao projeto de Vargas, visando ainda, governar e concluir seu mandato com certa tranquilidade. Promoveu assim a aproximação do PSD e UDN, tendo em vista as eleições estaduais e municipais. A possível

união com a ala mais conservadora, resultou no rompimento do PTB com o governo e um racha dentro do próprio PSD, originando um setor pró-Getúlio e outro anti-Getúlio, tendo a figura de Dutra como seu principal mentor. Assim, ocorreu a ruptura definitiva de Vargas e Dutra, tanto em termos políticos quanto pessoais, relação que já estava praticamente cortada desde a deposição do primeiro. Getúlio, enquanto senador pelo Rio Grande do Sul, em suas poucas manifestações, passou a assumir uma postura crítica às ações do governo do general.

Ao passo que o governo Dutra se encaminhava para o final, surgia uma preocupação muito grande quanto ao seu sucessor. Os principais partidos políticos da época, PSD e UDN, não tinham uma base de apoio popular significativa no momento, não tendo, portanto, o apoio expressivo da população e, enquanto isso, nos bastidores políticos, Getúlio Vargas articulou seu retorno ao Catete. Portanto, a inexistente popularidade de Dutra em meio ao operariado brasileiro e a total incapacidade de administrar as demandas da classe, fizeram com que a volta de Vargas fosse muito desejada pelo *povo trabalhador brasileiro*, expressada na campanha popular feita nas eleições presidenciais de 1950.. É justamente por isso que Vargas surgiu como “o salvador” da nação, na campanha eleitoral de 1950.

Quatro anos antes, em janeiro de 1946, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, filha de Vargas, escreveu uma carta endereçada a ele, “prevendo” os futuros acontecimentos, que dizia: “Quando o negócio estiver bem feio, serás a única esperança de salvação, e não mais o culpado, o ditador.” (Peixoto, 1946, apud Neto, 2014, p.66). Alzira, possuía a habilidade de ler o jogo e o cenário político de cada momento.

1.3 - A volta de Getúlio vista pela imprensa nacional: Diretrizes e Tribuna da Imprensa

Várias características compõem a imprensa, mas a neutralidade não é uma delas. Nas publicações jornalísticas, nota-se nuances ideológicas e opiniões políticas, de forma mais velada ou clara. Ao final da década de 1940 e início dos anos 1950, ficou evidente a polarização na grande imprensa nacional, em torno de getulistas e antigetulistas, contexto em que entram em cenas dois jornalistas importantes: Carlos Lacerda e Samuel Wainer.

De acordo com Tânia Regina de Luca (2008, p. 149), define-se a grande imprensa como o “conjunto de títulos que, num dado contexto, compõem a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro”. Dentro dessa perspectiva dos expressivos meios de comunicação, podemos enxergar o processo de transformação que converteu órgãos de imprensa em empresa, fator importante para a compreensão da inexistência de uma mídia neutra. O processo, ocorrido de

forma lenta, modificou a produção, direção e financiamento dos jornais, renovou a dinâmica interna, e passou a exigir profissionais especializados, promovendo a divisão interna do trabalho jornalístico. Jornais pequenos não acompanharam a transição na mesma velocidade que os maiores, e nos anos 1950 poucos profissionais ainda realizavam variadas funções.

Definido este conceito, é possível afirmar que “ao nível ideológico, é através da grande imprensa que se expressam fundamentalmente as críticas dirigidas à política de Vargas.” (D’Araújo, 1992, p. 29). Assim, esse setor, na sua maioria, não apoiou Getúlio, devido à censura do efetuada pelo DIP no Estado Novo, através dele inúmeros jornalistas foram perseguidos e jornais foram fechados:

O DIP foi fruto da ampliação da capacidade de intervenção do Estado no âmbito dos meios de comunicação e da cultura. Tinha como função elucidar a opinião pública sobre as diretrizes doutrinárias do regime, atuar em defesa da cultura, da unidade espiritual e da civilização brasileira. (Capelato, 1998, p. 70)

Vargas viu-se então, em uma situação diferente da enfrentada durante seu primeiro governo, o historiador José Queler (2015, p. 9) afirma que o ex-presidente passou a “enfrentar acirrada oposição dos meios de comunicação, situação distinta a do Estado Novo. Seus oponentes, silenciados em grande medida em anos anteriores, contavam então com armas propagandísticas para combatê-lo.” O antigetulismo na grande imprensa, iniciado em 1945, intensificou-se frente as eleições de 1950, persistindo até Getúlio suicidar-se, em 1954.

Todavia, é preciso destacar que nem toda a imprensa era contrária a Vargas, muitos jornais locais/regionais se mostraram a favor do presidente. Sobre isso, Dandara Oliveira (2006), comenta:

Definir o que era a imprensa opositora em 1950 é um desafio, pois se havia um consenso nos periódicos durante a campanha eleitoral era o combate à candidatura de Getúlio Vargas. Esse quadro delineado, entretanto, era a realidade na Capital da República e em São Paulo, outras cidades tinham uma maior pluralidade de posicionamentos.

Nesse sentido, trataremos essa polarização na grande imprensa nacional através dos jornalistas Carlos Lacerda e Samuel Wainer e dos veículos de imprensa utilizados por eles, Tribuna da Imprensa, jornal fundado pelo primeiro, e Diretrizes, onde Wainer publicava suas matérias.

1.3.1. O Tribuna da Imprensa

Entre eles, é possível destacar, o exemplo de Passo Fundo, cidade sede dos periódicos pesquisados. No município, encontrava-se um jornal abertamente opositor, o *Diário da Manhã* e *O Nacional*, que estava mais alinhado aos princípios getulistas e trabalhistas.

Para ilustrar esse cenário analisaremos os antagonismos travados no âmbito da grande imprensa, conforme definiu-se anteriormente (De Luca, 2008). Essa dualidade imposta era composta por figuras pró-Getúlio e anti-Getúlio, ou ainda, por aqueles que se denominavam neutros, mas que de acordo com a situação política utilizavam o nome de Getúlio a seu interesse. Desse modo, é válido abordarmos os enfrentamentos entre Carlos Lacerda, representante da maior frente antigetulista, e Samuel Wainer, responsável por uma importante entrevista com o ex-presidente durante seu “exílio” em São Borja, além de criar e manter um dos poucos jornais pró Getúlio, durante o segundo governo deste:

Nas décadas de 1950 e 1960, Wainer notabilizou-se pela defesa do getulismo e de aspectos do programa reformista do trabalhismo, isto é, advogava uma mais ampla distribuição de riquezas e a extensão da participação política na sociedade. Já Lacerda bateu-se ferrenhamente contra estas propostas, dado que preferia um liberalismo mais elitista e maior presença do capital estrangeiro no país. (Queler, 2010, p.53)

Carlos Frederico Werneck de Lacerda, carioca, nascido em 14 de abril de 1914, posteriormente conhecido apenas como Carlos Lacerda. De acordo com Mendonça (2002, p. 21), seu nome completo fora escolhido por seu pai, o também jornalista e político Maurício de Lacerda, em homenagem a Karl Marx e Friedrich Engels. Maurício, assim como Carlos, foi extremamente combativo, tanto no jornal quanto na Câmara dos Deputados, tendo defendido ideias socializantes e a Revolução de 1930, logo em seguida compondo a oposição por não concordar com os rumos do governo (Mendonça, 2002).

Carlos Lacerda foi um homem de extremos, radical em suas opiniões e ações, uma figura complexa, tanto no jornalismo quanto na política. Em um primeiro momento, antes de se configurar um marcante personagem da direita brasileira, iniciou sua carreira política como marxista (Câmara dos Deputados, s.d), integrou a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e o PCB. Foi acusado de traição e expulso da legenda em 1939, após a publicação de um artigo polêmico, relacionado à atuação da agremiação no Estado Novo a também à Coluna Prestes. Esse artigo, fora encomendado pela revista *Observador Econômico e Financeiro*, a matéria ficou intitulada como *A exposição Anticomunista*, “na qual seu autor, pela primeira

vez assumiu uma postura ferrenhamente contrária ao Partido e ao Movimento Comunista Internacional.” (Mendonça, 2002, p. 55).

Após a expulsão, Lacerda ainda “procuraria se reintegrar ao partido várias vezes, todas em vão. Diante do insucesso, passaria a se apresentar como vítima de uma verdadeira conspiração, versão que sustentou por toda a vida.” (Mendonça, 2002, p. 46). Portanto, a partir desse episódio polêmico, Lacerda, taxado como traidor, desenvolveu um “ódio visceral aos comunistas, que, ao lado do combate implacável a Getúlio Vargas, transformar-se-ia com o tempo, na tônica de sua atividade política.” (Mendonça, 2002, p. 46). Rejeitado pelos demais partidos de esquerda, o jornalista deu uma guinada à direita e ingressou na UDN em 1945, encontrando partidários de sua feroz oposição ao getulismo. Pela agremiação conquistou vários cargos políticos, foi eleito vereador do Rio de Janeiro em 1947, na primeira eleição que concorreu.

A escrita combativa e polêmica do jornalista, acabou por culminar em sua demissão do *Correio da Manhã* em 1948 e a decorrente criação de seu próprio jornal, intitulado *A Tribuna da Imprensa*. Alinhado com os princípios políticos da UDN, contou com o apoio financeiro de líderes do partido e grandes empresários. O periódico representou uma das maiores frentes de oposições a Getúlio Vargas, desde sua criação, até o suicídio de Vargas em 1954. Para exemplificar essa rivalidade, observamos a seguinte declaração, escrita por Lacerda, quatro meses antes do pleito eleitoral, sob o título de “Advertência oportuna”: “O senhor Getúlio Vargas, senador, não deve ser candidato à presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar” (Tribuna da Imprensa, 01 jun. 1950).

É possível ver, através dos artigos de Lacerda sobre Vargas, que ele realmente nutria uma rivalidade mortal com o ex-presidente, fazendo uso de seu recém criado jornal para ser a “principal tribuna de ataques ao ex-ditador e a política populista e, antes mesmo do lançamento oficial da candidatura de Getúlio, advertiu sobre os riscos de este se aliar aos comunistas e aos corruptos para conduzir o país a uma nova ditadura” (Mendonça, 2002, p. 109). Por isso, uma possível volta de Vargas à presidência, despertou em Lacerda a determinação de não deixar isso ocorrer:

Um eventual retorno de Getúlio ao poder afigurava-se, para alguns, como algo insuportável: para a UDN, significava retomar a luta contra o ex-ditador, que, aos olhos do partido, fora o responsável pela derrota de Eduardo Gomes. Para Carlos Lacerda, porém, a possibilidade representava muito mais que a perspectiva de novamente ter de combater um antigo adversário político. Trata-se, acima de tudo, de voltar a encarar um dos

“demônios” que por muito tempo ainda assombraram sua trajetória”
(Mendonça, 2002, p. 5)

Do outro lado do espectro político, estava o jornalista Samuel Wainer, que será abordado a seguir.

1.3.2. Diretrizes

Samuel Wainer, foi um jornalista importante nas décadas de 1940 e 1950 por suas matérias ligadas ao meio político, fez interessantes registros do conturbado cenário brasileiro do período. Personagem importante na continuação do segundo governo Vargas, em razão de manter um dos poucos jornais getulistas da grande imprensa na época. Era considerado, também, um homem de oportunidades, pois soube aproveitá-las para deixar marcado seu nome na história da imprensa brasileira.

De acordo com Karla Monteiro (2020), a família de Samuel Wainer tinha origens russo-judaicas, fator que influenciou de maneira substancial na formação política do jornalista, especialmente por um judaísmo de esquerda. Nascido Samuel Haimovich Wainer, na década de 1910, na Bessarábia, região dividida atualmente entre Moldávia e Ucrânia. Imigrou para o Brasil nos anos 1920, período entreguerras, especialmente conturbado na Rússia, sob o governo de Lênin. Ainda, de acordo com Monteiro (2020), Wainer defendia o nacionalismo brasileiro que carregava em si, afirmando que havia nascido em São Paulo e esse sentimento pode ter derivado do desejo de pertencer realmente a algum lugar, dado sua trajetória de vida como imigrante.

Wainer conquistou relevância na imprensa nacional ao iniciar suas publicações na revista *Diretrizes*, com um corpo editorial formado por intelectuais, em sua maioria, de esquerda não-comunista. Nessa revista, Wainer desenvolveu uma campanha interessante a favor do Pan-Americanismo, no cenário da Segunda Guerra Mundial. Por carregar tantos nomes expressivos da jovem intelectualidade em suas matérias, como Rubem Braga, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e etc, a revista exercia uma certa influência na opinião popular. O próprio Carlos Lacerda também colaborou em algumas reportagens de *Diretrizes*.

A revista fez oposição à Ditadura Vargas e conseguiu sobreviver até o final do Estado Novo, com publicações mensais. No entanto, em julho de 1944, após a publicação de uma reportagem ligada à Coluna Prestes, o editorial foi temporariamente fechado pelo DIP, que já contava com inúmeras denúncias à *Diretrizes*. Ainda, de acordo com Carla Monteiro (2020), após o fechamento da revista, Wainer se exilou fora do país, passando um tempo no Chile e

posteriormente em Paris, onde foi responsável por cobrir, para a imprensa brasileira, o Julgamento de Nuremberg, que condenou líderes nazistas pelos crimes cometidos durante a Segunda Guerra Mundial.

É de conhecimento “comum” que Vargas não tinha um bom relacionamento com jornalistas, fato que ficou ainda sensível durante e após o Estado Novo. Enquanto estava em seu “autoexílio” em São Borja, muitos jornalistas chegaram a ir à estância em Santos Reis, e retornando com poucas ou nenhuma declaração de Vargas. Sorte distinta teve o jornalista Samuel Wainer que ao retornar ao Brasil passou a trabalhar nos *Diários Associados*, comandado por Assis Chateaubriand, cadeia de comunicação muito relevante no país, na época, que lhe permitiu a famosa entrevista com Getúlio Vargas em 1949. Samuel chegou a estância onde o ex-presidente estava, sob o pretexto de aproveitar sua vinda ao sul, motivada originalmente para realizar uma matéria sobre o trigo, e para conversar com o ex-presidente.

A entrevista de Wainer ao ex-presidente fazia parte de um plano traçado entre Alzira, filha de Vargas, e representantes da UDN, com o objetivo de que Vargas fizesse comentários positivos sobre Eduardo Gomes. Não se sabe até que ponto o repórter tinha conhecimento do plano, que fora apresentado a Getúlio através de uma das inúmeras correspondências trocadas com filha, enquanto esteve em São Borja. Em uma dessas cartas, Alzira explicou que a declaração favorável ao candidato udenista poderia quebrar a frente PSD-UDN, viabilizando uma possível terceira via, trabalhista, pelo PTB e “de qualquer maneira, esta aproximação da UDN é interessante para ti. Não implica em compromisso algum [...] será um susto para Dutra e um rebuliço na política nacional. Divirta-se.” (Peixoto, 1949).

Lira Neto (2014) afirma que Getúlio apresentou algumas condições para participar da entrevista, mas Samuel Wainer chegou à estância Santos Reis antes que as exigências apresentadas por Getúlio chegassem à UDN. Mesmo assim o repórter, inteligente e espirituoso, cativou Getúlio, que decidiu fazer sua parte do combinado. A matéria escrita por Samuel Wainer, foi publicada na capa de O Jornal no dia 03 de março de 1949, onde explicou que aproveitou a viagem ao Rio Grande do Sul, também a trabalho, para tentar a sorte na estância Santos dos Reis. Inicialmente, afirmou que

o sr. Getúlio Vargas estará de volta ao Rio dentro de dois ou três meses. Assumirá então, em face do problema da sucessão presidencial e outros problemas nacionais - a posição que lhe impõe sua indiscutível liderança de um dos três maiores partidos legais brasileiros. (O Jornal, 3 mar. 1949, p. 1).

Sobre a questão presidencial, Wainer questionou Getúlio quanto à possibilidade de uma entente entre UDN e PTB, que afirmava não ter recebido convite algum para integrar a aliança. Insistindo no assunto, o repórter fez a seguinte indagação: “essa tendência, caso venha a confirmar-se, indica que a UDN já lhe perdoou os erros que antes lhe imputam. Estará o senhor também disposto a perdoar a UDN?” (O Jornal, 3 mar. 1950, p. 1). O ex-presidente respondeu “todo mundo sabe que não guardo ódio nem rancor contra ninguém, nem tenho contas a ajustar com quem quer que seja.” (O Jornal, 3 mar. 1950, p. 1).

Em seguida, Wainer questionou qual avaliação Vargas fazia do Brigadeiro Eduardo Gomes, que disse considerá-lo “um grande nome e um grande valor moral. Pessoalmente tenho o maior apreço por ele.” (O Jornal, 3 mar. 1950). Getúlio ainda fez um marcante comentário quando questionado sobre seu papel na sucessão presidencial: “eu não sou propriamente um líder político, mas sim um líder de massas” (O Jornal, 3 mar. 1950, p. 1). Essas declarações feitas por ele “indicavam que Vargas estaria disposto a mobilizar as massas populares com o objetivo de angariar apoio para o desenvolvimento de uma política voltada para os interesses dos trabalhadores, o que acendia os temores das camadas dominantes.” (Mendonça, 2002, p. 107)

A entrevista foi responsável por recolocar Getúlio Vargas no centro das articulações políticas novamente e mesmo diante da indefinição de sua candidatura, corroborou com as suspeitas, sendo interpretada como uma declaração almejando o retorno ao Catete

Em vez de representar um anúncio de que ele entrará de vez na disputa sucessória, as expostas de Getúlio ao repórter, na verdade, uma aula política de como não se comprometer com nada, nem ninguém, inclusive com a própria candidatura, deixando assim uma margem enorme para futuras manobras, como lhe era peculiar. Ao se dizer líder de massas e não um líder político, colocava-se acima das contingências partidárias e dos arranjos da ocasião. (Neto, 2014, p. 160.)

É interessante refletir sobre o impacto dessa entrevista, uma vez que a relação entre o ex-presidente e Wainer tomou um novo rumo a partir de então, pois o jornalista foi um dos poucos que de fato cobriu a campanha presidencial de Vargas, em 1950. Visto que a grande imprensa estava posicionada a favor do Brigadeiro e quando citava Getúlio, apenas difamava-o. Concomitantemente, a entrevista significou um aceno positivo aos seus velhos oponentes, declarando não haver ressentimentos nem ajustes a serem feitos, podendo por exemplo, ser interpretado também como um recado às Forças Armadas.

Depois da vitória de Getúlio em 1950, Wainer criou o jornal *A última Hora*, como um meio de comunicação abertamente getulista. Esse empreendimento só se tornou possível com

o apoio de Vargas e uma possível facilitação de um empréstimo tomado no Banco do Brasil. Wainer acabou sofrendo um linchamento moral muito grande, em função desse financiamento outros supostos patrocínios. Carlos Lacerda, aliás, utilizou a *A Tribuna na Imprensa*, para atacar Samuel Wainer diretamente, tendo ainda, como alvo principal, a figura de Getúlio. Mais uma vez, a grande imprensa deixava claro que não havia aceitado a volta do ex-ditador que tanto censurou-a durante o Estado Novo e que faria de tudo para prejudicar o seu segundo governo. Samuel era um homem de posições ideológicas fortes, e defendia o que acreditava, assim como Carlos Lacerda. Wainer não fazia parte dos que defendiam uma imprensa neutra, o que bem sabemos que não existe. E corajosamente, ambos sempre assumiram a posição política de suas publicações, sejam elas pró governo ou não.

Portanto, dado o contexto, o próximo capítulo tratará de fato, as eleições presidenciais de 1950, a partir dos periódicos O Nacional e Diário da Manhã. Abordando especificamente o cenário histórico de Passo Fundo, no que tange ao PTB, PSD e UDN também.

2. BOTA O RETRATO DO VELHO OUTRA VEZ, BOTA NO VELHO LUGAR: AS ELEIÇÕES DE 1950 E A IMPRENSA PASSO-FUNDENSE

O primeiro capítulo buscou esclarecer pontos importantes que antecederam as eleições de 1950. Já o segundo capítulo, apresentará os resultados das pesquisas feitas no jornais, explorando a corrida pela cadeira presidencial através deles.

2.1 - Conhecendo os periódicos *Diário da Manhã* e *O Nacional*

Apesar das fontes já terem sido previamente apresentadas, cabe nos determos à análise mais complexa dos periódicos *O Nacional* e *Diário da Manhã*. Dados acerca de suas fundações e do corpo editorial dos anos 1950 serão abordados, a fim de compreender as motivações políticas de cada um.

O jornal *O Nacional*, inicialmente publicado às quartas-feiras e aos sábados, foi fundado em 1925. Teve como idealizador e primeiro proprietário Theófilo Guimarães e Herculano Araújo Annes na direção. Já na década de 1940, a direção do periódico passou para Múcio de Castro, personagem relevante na política de Passo Fundo. Até os anos 1960, o diretor do jornal simpatizava com o movimento trabalhista e com o PTB, o periódico apresentava então características “de postura inicialmente republicana, expressava posições nitidamente pró-trabalhismo durante toda a década de 1950.” (Benvegnú, 2006, p. 19). No entanto, na década de 60 Múcio de Castro rompe com o PTB, e *O Nacional* passa a fazer oposição ao trabalhismo e à agremiação petebista de Passo Fundo.

Já o *Diário da Manhã*, teve sua primeira edição publicada no ano de 1935, fundado por Túlio Fontoura, de forte oposição ao getulismo e ao trabalhismo, nos é conveniente portanto, explorar a motivação disso. Fontoura havia criado outro periódico anteriormente, denominado *A luta* (1931-1932), fechado pelo interventor federal do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, durante a ditadura getulista, em um processo de controle da imprensa que censurava as críticas ao governo. Com a restituição partidária em 1945, Túlio Fontoura ingressa no PSD de Passo Fundo, sendo um dos principais dirigentes em conjunto com Nicolau Vergueiro, figura política relevante do município.

O *Diário da Manhã* passou, a partir de então, a demonstrar as características claramente políticas e apaixonadas de seu proprietário, desviando-se na área política de seu papel de informação para o de instrumento ativo de opinião pública. [...] de forte e clara oposição ao trabalhismo e a Getúlio Vargas, em particular, esse periódico, devido a seu posicionamento seria alvo de conflituosos acontecimentos em 1945 quando as instalações do jornal foram

destruídas pela inconformidade do povo com o suicídio de Vargas, advindo daí, sérias consequências. (Benvegnú, 2006, p. 19)

Na campanha de 1950, o anti-getulismo desse jornal, ficou ainda mais evidente, e os ataques continuaram ao longo do mandato inconcluso de Vargas, até seu suicídio. O periódico fez uma intensa campanha para Cristiano Machado, candidato à presidência pelo PSD e oponente de Vargas na corrida presidencial. Dessa maneira, Túlio Fontoura utilizou seu jornal para divulgar suas percepções políticas, fazendo oposição à Vargas e também ao próprio trabalhismo assim como, ao PTB de Passo Fundo, consequentemente.

Sendo assim, nossas duas fontes de pesquisas são politicamente opostas entre si, defendendo princípios totalmente diferentes, regidos pelos diretores e proprietários. De acordo com Benvegnú (2006), essa rivalidade entre os diretores, Múcio de Castro do *Diário da Manhã* e Túlio Fontoura, de *O Nacional*, originou-se por motivações políticas e partidárias no âmbito da cidade de Passo Fundo, relacionadas ao PTB e ao PSD.

Convém salientar que o posicionamento político de Múcio de Castro se mostrava de forma um tanto mais branda em relação àquele expresso por Túlio Fontoura, marcadamente mais enfático, mais direto. Diferente, porém, seu comportamento quanto aos embates travados com Túlio Fontoura. Eram de igual para igual, permeados por qualificativos de forte conotação e significados políticos.” (Benvegnú. Sandra Mara, 2006, p. 19)

Assim, percebe-se que a contextualização das fontes utilizadas, posicionando-as temporalmente e espacialmente, bem como a consideração de seus autores, é de grande importância para uma análise eficiente das mesmas. Os jornais configuram-se como uma fonte de pesquisa riquíssima para a História, sendo um meio de comunicação de massa, acessível a uma parcela significativa da população no período a que nos referimos. Seja a nível nacional, estadual ou regional, a imprensa tem um grande poder de influência no eleitorado, positivo ou negativo.

2.2 - Articulações políticas e a imprensa passo-fundense nas eleições de 1950

Antes de apresentar os candidatos que integraram a corrida presidencial, é preciso explicar, brevemente, o sistema de votação para presidente e vice-presidente no Brasil da época. Na Constituição de 1946, Eurico Gaspar Dutra restaurou o cargo de vice-presidente e ficou definido que as eleições para o cargo de presidente e vice ocorreriam em votações de modo individual. As chapas e coligações formadas para definir candidatos a vice-presidente

atuaram como forma de influenciar e convencer através da propaganda eleitoral, a eleição de um vice que tivesse aliança com o escolhido a presidente.

O partido pelo qual cada candidato foi lançado e as coligações feitas entre esses, são elementos importantes para a compreensão do contexto político de cada candidatura. De acordo com Lúcia Hippolito (2004), a configuração do sistema partidário vigente entre 1945 a 1964 estava definido, principalmente, pelas articulações políticas de Getúlio Vargas ao fim do Estado Novo, no período de reabertura do sistema democrático. Isso porque os partidos políticos mais expressivos da época foram idealizados por Vargas, como é o caso do Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) ou fundados em oposição ao presidente gaúcho, tal qual a União Democrática Nacional (UDN).

A vida política de Getúlio Dornelles Vargas está diretamente ligada à história do Rio Grande do Sul e Brasil, dono de uma trajetória única. Tendo exercido, principalmente pelo Rio Grande do Sul, vários cargos públicos, além dos 15 anos de Era Vargas. Desse modo, exploraremos no decorrer do trabalho toda a riqueza e complexidade desse personagem histórico que influenciou completamente a campanha eleitoral de 1950, como dito anteriormente.

Eduardo Gomes, carioca e militar, alcançou o posto de Tenente-Brigadeiro nos anos 1950 e posteriormente Marechal do Ar pela FAB (Força Aérea Brasileira). Em 1950 tentou pela segunda vez alcançar a presidência do Brasil, pelo qual já havia concorrido em 1945, perdendo o posto para Eurico Gaspar Dutra, apoiado por Getúlio Vargas. Ambas as candidaturas foram lançadas pela UDN, sendo um nome controverso dentro do partido, devido a sua participação na Revolta dos 18 do Forte. Cristiano Machado, foi um mineiro bacharel em Direito e ex-prefeito de Minas Gerais, exerceu cargos públicos e foi eleito deputado na Constituinte de 1946. Apesar de se candidatar pelo PSD, o partido praticamente o abandonou à própria sorte ao perceber que não haviam chances de vitória contra Getúlio Vargas. O quarto candidato, João Mangabeira, lançou sua candidatura pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) e no panorama geral, não teve um número expressivo de votos, tanto que seu nome praticamente não foi citado por nenhum dos jornais pesquisados.

Assim ficaram distribuídos os votos da eleição presidencial de 1950, de acordo com os dados oficiais do TSE (Tribunal Superior Eleitoral, s.d), a cadeira presidencial foi conquistada pelo PTB, e Vargas eleito presidente da República com ampla vantagem, alcançando 48,73% dos votos, contra Eduardo Gomes, que somou 29,66%. Em terceiro lugar Cristiano Machado, com 21,49% dos votos e João Mangabeira em quarto, com humildes

0,12% do sufrágio eleitoral. Ou seja, pelo contexto partidário, a disputa principal se deu entre Vargas e o Brigadeiro Eduardo Gomes.

O cenário político em que cada candidatura foi lançada mescla-se com o cenário histórico de modo geral. Eurico Gaspar Dutra, ex-ministro de Guerra e sucessor de Vargas após o fim do Estado Novo e que, diga-se de passagem, teve sua candidatura apoiada por Vargas, estava apoiando o Brigadeiro Eduardo Gomes. No entanto, ao final de seu mandato, Dutra não dispunha de grande popularidade, devido a alta da inflação e a implementação de uma política contrária ao trabalhismo, intervindo em sindicatos e proibindo greves e manifestações da classe. Logo, o apoio do Catete não foi assim tão relevante para Gomes.

A imprensa nacional, em sua grande maioria, não apoiou Getúlio, devido ao cenário de censura no Estado Novo, quando a mídia foi regulada e vigiada de perto. Logo, viu-se em uma situação diferente, o historiador José Queler (2015, p. 9) afirma que Vargas “passara a enfrentar acirrada oposição dos meios de comunicação, situação distinta a do Estado Novo. Seus oponentes, silenciados em grande medida nos anos anteriores, contavam então com armas propagandísticas para combatê-lo.” Todavia, é preciso destacar que nem toda a imprensa era contrária a Vargas, sobre isso, Dandara Oliveira (2006, p. 61), comenta:

Definir o que era a imprensa opositora em 1950 é um desafio, pois se havia um consenso nos periódicos durante a campanha eleitoral era o combate à candidatura de Getúlio Vargas. Esse quadro delineado, entretanto, era a realidade na Capital da República e em São Paulo, outras cidades tinham uma maior pluralidade de posicionamentos.

Mesmo assim, é nesse sentido que a propaganda política feita de forma popular se mostra tão importante para a vitória da corrida eleitoral de 1950 por Getúlio Vargas. Apesar de não ter o apoio da grande imprensa, seu retorno era desejado principalmente pela grande massa operária, que o associava às medidas positivas instituídas durante sua primeira passagem como presidente, principalmente no que tange a legislação trabalhista.

Desse modo, enquanto ocorriam, por de baixo dos panos partidários, as articulações pré-eleitorais, na rua, os apoiadores de Vargas, já começam a demonstrar apoio ao antigo presidente. Todavia, a imprensa não esqueceu a censura sofrida, não se recuperara ainda das ações do DIP, e os diretores de jornal viram na campanha de 1950 a oportunidade de finalmente “acertar as contas” com Getúlio.

Uma vez analisado o contexto histórico de modo geral, é igualmente essencial abordar o cenário político específico do município de Passo Fundo, a partir de 1945. Assim, é válido apresentar, sucintamente, o cenário local no processo de constituição das principais

agregações formadas ao final do Estado Novo (PTB, PSD e UDN), tornando possível entender esse processo a nível estadual no Rio Grande do Sul e municipal em Passo Fundo. No mesmo sentido, a análise das eleições municipais em 1947 é igualmente relevante, a fim de compreender as disputas políticas da cidade.

É válido comentar algumas particularidades da formação do PTB no Rio Grande do Sul, bem como as forças políticas que integram o partido em sua composição gaúcha

O PTB formou-se a partir do agrupamento de três diferentes correntes: a corrente sindicalista, a doutrinário-pasqualinista e pragmático-getulista. A primeira era composta por lideranças sindicais do Estado Novo, [...] A corrente doutrinário-pasqualinista era formada por um círculo de intelectuais progressistas que acompanhavam o teórico Alberto Pasqualini. Por fim, a pragmático-getulista ingressou no partido já em 1946, após as eleições. Composta por políticos profissionais advindos do PSD que se transferiram para o PTB pela orientação direta de Getúlio Vargas (BODEA, 1992, p. 20-30 apud Lottermann, 2020, p. 33).

Em Passo Fundo, o partido foi fundado em 13 de novembro de 1945, a partir de nomes oriundos do movimento queremista na cidade. Desse modo, o PTB passo-fundense, era composto por trabalhadores assalariados e sindicalizados, “tais como Urbano Ribas, César Ribas da Silva, Maturino Ribeiro, Waldir Cecconi, Inocêncio Pinto, Filomeno Pereira Gomes, os mais proeminentes, alguns ligados à ala trabalhista do PSD, assim como Celso Fiori” (Benvegnú, 2006, p.33). Nomes como Daniel Dipp e César Santos, ambos profissionais liberais, também foram relevantes para a agregação municipal. Urbano Ribas e César da Silva, fundaram, em 1945, um comitê queremista em Passo Fundo, apoiando a candidatura de Vargas para as eleições ao fim do Estado Novo, fato que revela a popularidade do presidente na cidade e auxilia a compreender a sua vitória em 1950 nas urnas municipais.

De acordo com Benvegnú (2006, p.33) pode-se perceber uma formação heterogênea do PTB passo-fundense, evidenciando o desenvolvimento diferenciado do partido em âmbito municipal em relação à direção nacional e estadual

a fundação do diretório do PTB passofundense diferencia-se do processo verificado na fundação dos diretórios nacional e estadual, constituindo-se em um desdobramento das orientações petebistas de englobar os queremistas para dentro das hostes do partido e, nas cidades que não tinham diretórios do PTB, de transformar os comitês queremistas em diretórios petebistas. Isso pode ser comprovado pelo fato dos principais líderes queremistas locais estarem vinculados ao partido, alguns, inclusive, assumindo a direção do diretório local. (Batistella, 2007, p. 161 apud Lottermann, 2020, p. 33)

O PSD, fundado com o auxílio dos aparatos burocráticos do Estado durante a Era Vargas, também teve suas particularidades em nível estadual e municipal. De acordo com o historiador Luiz Lottermann, “de forma a constituir as bases partidárias com a estrutura da burocracia governamental do Estado, os líderes pessedistas buscaram o apoio principalmente dos prefeitos do interior do estado.” (Lottermann, 2020, p. 32). Entre as lideranças mencionadas por Lottermann (2020), é possível identificar o então interventor Ernesto Dornelles e Protásio Vargas, respectivamente primo e irmão de Getúlio, além de Cylon Rosa e Walter Jobim.

De acordo com Lottermann (2020) a ruptura interna do PSD, teria sido resultado do choque entre políticos tradicionais e “elitistas” como Walter Jobim e Cylon Rosa de um lado, e líderes ligados ao getulismo de outro. Os dissidentes que não concordaram com a candidatura de Cristiano Machado, “formaram, então, um PSD independente da organização nacional do partido, uma agremiação autônoma, o Partido Social Democrático Autônomo (PSDA)” (Lottermann, 2020, p. 32). Essa discordância interna no partido estadual, influenciou, também, as representações municipais.

Na cidade de Passo Fundo, entre os pessedistas, se destacaram, Nicolau de Araújo Vergueiro, Arthur Ferreira Filho e Bittencourt de Azambuja. A formação local do partido seguiu as características do diretório estadual, com algumas orientações próximas a Dutra, e outras próximas a Vargas. (Lottermann, 2020, p. 32). Lottermann (2020), salienta que a recepção do PSD no município foi significativa pois, além de somar intelectuais, estudantes, população urbana e rural, integraram o apoio de muitos integrantes do Círculo Operário e Ferroviários, que se declararam solidários ao partido local.

Em síntese, vale destacar que “o PSD será, então, a representação maior das forças anti-PTB no Rio Grande do Sul, contrariando a lógica do restante do país, que tinha na UDN a principal força antagônica ao trabalhismo.” (Lottermann, 2020, p. 32). Essa característica ficará bem evidente na análise dos periódicos, visto que PSD e PTB locais tiveram uma atuação muito mais relevante que a UDN, no período observado.

No Rio Grande do Sul, a UDN contou com o apoio de figuras como Oswaldo Aranha, Flores da Cunha e Borges de Medeiros. Aranha destacou-se politicamente durante a Era Vargas, sendo aliado da política getulista, Flores da Cunha era presidente do Rio Grande do Sul no momento do golpe do Estado Novo e exilou-se no Uruguai por cinco anos, e o último, fora um antigo partidário de Vargas, até a Revolução de 1930.

Em Passo Fundo, “observamos que, em torno da UDN, concentrou-se o republicano Victor Graeff que já havia exercido o cargo de prefeito municipal, nomeado pelo interventor

federal Cordeiro de Farias de 1941 a 1944” (Benvegnú, 2006, p.36). A atuação udenista, em um primeiro momento, não foi tão significativa em Passo Fundo, principalmente se a compararmos ao PTB e PSD. Nas eleições de dezembro de 1945, por exemplo, Eduardo Gomes, da UDN, fez 1.659 (TSE, s.d) votos nas urnas passo-fundenses, contra os 9.812 (TSE, s.d) de Dutra, apoiado pela coligação PSD-PTB. Outra característica relevante do cenário partidário na cidade, na época, foi o anticomunismo, que dificultou a atuação do PCB no local, que mesmo legalizado, não obteve sucesso na luta sindical, além do fato “de os sindicatos estarem estreitamente ligados ao Círculo Operário local” (Lottermann, 2020, p.35)

Registros anteriores às eleições de 1950, já demonstravam rugas entre PSD e PTB nas páginas do *Diário da Manhã* e *O Nacional* diante da tendência partidária que caracterizava os periódicos. Assim sendo, cabe mencionar alguns dados sobre as eleições de 1945 em Passo Fundo, ocasião em que se elegeram os pessedistas Antônio Bittencourt Azambuja e Nicolau Araújo Vergueiro para a Câmara Federal, enquanto nenhum nome do PTB ou UDN logrou sucesso nas urnas. Já nas votações de 1947, como supra comentado, o cenário para o PTB foi mais interessante, elegendo mais nomes para o legislativo do estado, mesmo perdendo o governo do estado para o pessedista Walter Jobim.

Nas eleições municipais, em 1947, a coligação entre PTB-UDN logrou o cargo de prefeito e vice-prefeito, em votações feitas de modo individual. Armando Araújo Annes e Daniel Dipp concorreram por esta chapa, em segundo lugar ficou a candidatura vinculada ao PSD, integrada por Dionísio Lângaro e Ivo Pio Brum. A coligação PTB-UDN venceu seus adversários com 5.560 votos, contra 5.395 de Dionísio Lângaro. Para vice-prefeito, a diferença entre o petebista Daniel Dipp e o pessedista Ivo Pio Brum também foi muito pequena, tendo o primeiro alcançado 5.448 sufrágios, contra 5.309 do segundo. (Damian, 2010, p.38). Esses dados mais uma vez demonstram a existência de uma rivalidade política entre o PTB e PSD em Passo Fundo, enquanto os trabalhistas aproximavam-se da UDN.

De fato, foi nas eleições municipais, em 1947, que se evidenciou a expansão do PTB na cidade, a qual já havia se mostrado notório ao eleger o petebista César Santos no início do ano, para a Câmara Estadual. Sandra Mara Benvegnú (2006, p. 51) afirma que “as divergências entre as lideranças pessedistas não só contribuíram para fragilizar o partido, como também, permitiram nesse vácuo de poder, a consolidação efetiva do PTB local”. As eleições municipais também evidenciaram as tendências políticas dos periódicos pesquisados, amplamente utilizados pelos partidos e candidatos à Prefeitura e à Câmara de Vereadores de Passo Fundo. Por meio de ataques pessoais e distorcendo acontecimentos e informações. Como exemplo, utilizaremos uma análise feita por Luiz Lottermann (2020, p.42) acerca do

anúncio da candidatura do pessedista Araújo Annes à prefeitura, publicado no *Diário da Manhã*, expressando apenas elogios ao candidato:

Cidadão dotado das mais elevadas virtudes morais, industrial de larga visão, católico praticante e até há pouco presidente da LEC, exemplar chefe de família e membro de tradicional família passofundense, o Sr. Dionísio Lângaro apresenta-se como o candidato com maiores possibilidades para conseguir a vitória no próximo pleito eleitoral. (*Diário da Manhã*, 28 de abr. 1947, p. 04 apud Lottermann, 2020, p.42)

Feita a análise do contexto político passo-fundense no período, vamos nos deter a forma que o *Diário da Manhã* e *O Nacional* interpretaram esse processo, buscando compreender as principais articulações políticas locais.

O *Diário da Manhã*, fez oposição ferrenha à candidatura de Getúlio Vargas, publicando inúmeras notícias relacionadas a ele, sempre em um tom negativo, apontando problemas na candidatura e na campanha, fazendo comentários jocosos e irônicos. Ao mesmo tempo, o jornal de Túlio Fontoura empreendeu abertamente campanha aos candidatos do PSD de maneira geral, proporcionando grande enfoque à figura de Cristiano Machado, atribuindo a ele relevância que não teve em nível nacional.

O periódico de cunho pessedista, atacou a política getulista e o movimento queremista, que estaria “enquistado no seio do PSD gaúcho” (*Diário da Manhã*, 11 mar. 1950, p. 3). Afinal de contas, Getúlio também esteve envolvido na constituição do partido e haviam portanto, vários simpatizantes seus e do trabalhismo dentro do PSD. Causa de incômodo entre os pessedistas opositores a Vargas, não obstante, a falta de coesão do partido, estava “provocando grande efervescência nas hostes pessedistas gaúchas, sucedendo-se as reuniões e os encontros dos próceres, em tentativa de fixar a posição do partido majoritariamente.” (*Diário da Manhã*, 11 mar. 1950, p. 3).

Na reportagem, intitulada “Guerra ao Queremismo”, relatou-se a mais recente reunião do partido na época, ocorrida em Porto Alegre

O objetivo aparente da reunião teria sido a fundação do Centro de Estudos Sociais do Partido Social Democrático, para estudo e difusão do programa e dos postulados pessedistas, tendo em vista a proximidade das eleições. Podemos informar, entretanto, que na realidade se trata de um vasto movimento, já de algum tempo em articulação em todo o estado, visando imprimir uma decidida orientação anti-queremista ao PSD. (*Diário da Manhã*, 11 mar. 1950, p. 3).

Visando a unificação do PSD, o movimento foi liderado pelo deputado Tarso Dutra, receoso de que a falta de unidade política e ideológica do partido pudesse comprometer seriamente o prestígio e o desempenho no pleito eleitoral que estava se aproximando. Consequentemente, as contendas internas dos pessedistas facilitariam a vitória por parte do PTB e do movimento queremista.

Como Túlio Fontoura era partidário do PSD, o foco principal do jornal foi noticiar a preparação do partido para as eleições de 1950, nos níveis municipal, estadual e nacional, concomitantemente à dura oposição contra Getúlio. Em várias edições comentava-se a respeito das possíveis negociações dentro do partido e a liderança de Góes Monteiro em nível nacional, deixando Dutra em segundo plano.

No quadro “O dia político”, noticiado em letras garrafais, foi publicada uma declaração do gal. Góis Monteiro, onde este comentou um possível acordo tri-partidário

O gal. Góis Monteiro, prestando declarações à imprensa, afirmou: “o acordo tripartidário, embora inoperante em naturalidade, não foi denunciado por nenhuma das partes. O fato real é que cada político está procurando lançar seu candidato e um deles, pertencente ao acordo, até já apresentou o seu. Quando todos os candidatos tiverem sido lançados, que haja uma combinação entre UDN, PSD e PR, ou mesmo, com outros partidos, que não figuram no acordo, no sentido de sua manutenção ou ampliação, naturalmente sobre novas bases, então sim, o acordo estará tacitamente rompido. No curso da história das elites, os dirigentes e até os povos sempre se entenderam. É questão de oportunidade, interesse e necessidade. Não se viu Stalin concertar-se com Hitler e depois guerrearem-se? Não se viu Stalin entender-se com potências democráticas e depois entrar em antagonismo irreconciliável? Nem Getúlio, nem Adhemar estão excluídos. Mas, o essencial para o PSD, é resolver primeiro a sua situação interna, com a escolha do seu candidato.” (Diário da Manhã, 28 abr. 1950, p. 1).

Ou seja, apesar de não descartar um acordo com outros partidos, o objetivo principal deveria ser o entendimento interno do PSD quanto a ingressar ou não em uma aliança externa. Góis não estava descartando nem mesmo aliar-se com o PTB de Getúlio e o PSP de Adhemar de Barros, mas a possibilidade não agradava outros dirigentes do partido nacional, como o presidente da República, Eurico Gaspar Dutra.

Houveram, portanto, várias tentativas de formar uma frente ampla nacional, visando a manutenção do sistema democrático de forma pacífica e sem intervenção das Forças Armadas. Pois, de acordo com Lira Neto (2014, p.171), “havia um temor difuso de que os militares, ante a perspectiva de um impasse, pusessem os tanques na rua e se arvorassem mais uma vez em árbitros supremos da política nacional.” Por consequência, desde o início de 1950, o *Diário da Manhã* vinha comentando a possibilidade do lançamento de um candidato

único e a dificuldade em concluir as negociações acerca do tema. Ao mesmo tempo, se especulou a possibilidade do atual presidente ficar mais um ano no cargo e realizar-se o adiamento das eleições, visando evitar possíveis interferências e a exaltação de ânimos

O presidente Dutra afirma que não permanecerá por mais um ano na presidência do país - ao tomar conhecimento ontem, através de uma comunicação do general Góis Monteiro, prestou declarações, afirmando que, de uma maneira ou de outra, no dia 31 de janeiro de 1951, passará presidência da nação ao seu sucessor, que deverá ser eleito legalmente, em 3 de outubro. O presidente Dutra demonstrou com muita firmeza, que, absolutamente, não é mesmo seu pensamento ficar mais um ano ocupando a presidência da República, de acordo, aliás, com as declarações que já prestou diversos meses antes [...] Afirma-se que é pensamento de diversos membros do Tribunal Superior Eleitoral, ser a melhor proposta, no momento, a continuação do mandato do Presidente Dutra. No entretanto, o general Góis Monteiro ficou muito bem impressionado com a decisão do presidente. (Diário da Manhã, 11 mar. 1950, p. 3).

Dessa forma, as preparações para as eleições de 1950 deveriam seguir e a população brasileira teria de eleger, democraticamente, seu novo presidente. Para tanto, surgiu a chamada Fórmula Jobim, proposta pelo governador gaúcho Walter Jobim, do PSD, e autorizada por Dutra. Jobim sugeriu “um amplo leque de consultas a todas as lideranças dos partidos com registro no TSE, para então buscar um candidato único, com o objetivo de se construir um grande governo de coalizão nacional” (Neto, 2014, p. 171) e formular mais uma tentativa harmoniosa para a sucessão presidencial. Várias conversações chegaram a ser feitas, Getúlio e Adhemar de Barros, nomes ligados ao populismo, também foram consultados. Na oportunidade, Cylon Rosa, candidato ao governo do Rio Grande do Sul pelo PSD, foi até São Borja para ter uma reunião com o ex-presidente, da qual não obteve grandes resultados para a solução do problema sucessório.

No início do mês de março, o *Diário da Manhã* (02 mar. 1950, p. 2) publicou que “já não se acredita mais em uma solução harmônica entre os partidos para a sucessão presidencial”. E de fato, a Fórmula Jobim havia fracassado, o ambiente era instável e os partidos não conseguiam chegar a um acordo para o nome do candidato. Algo compreensível, já que nem mesmo internamente, as agremiações conseguiam concordar na candidatura à presidência. No PSD, o presidente nacional, Nereu Ramos, tentou impor-se como candidato para o acordo interpartidário, mesmo sendo pessedista, tal possibilidade não agradou Dutra, que teria imediatamente vetado o nome de Ramos. Situação semelhante ocorreu dentro da UDN, que não quis abrir mão de um candidato de sua legenda para o acordo.

Segundo o periódico de Túlio Fontoura

O sr José Américo afirma que a UDN não participará mais de quaisquer entendimentos. O deputado declarou a elementos da imprensa, que a UDN não tem mais problemas e não fará mais nenhum acordo, com agremiação política alguma, pois já tem o seu candidato e este é o brigadeiro Eduardo Gomes. (Diário da Manhã, 28 abr. 1950, p. 1).

José Américo, voz importante dentro do partido, declarou que o Brigadeiro não retiraria sua candidatura em benefício do acordo tripartidário, encerrando assim as negociações por parte dos udenistas. Desse modo, deu-se fim a Fórmula Jobim e seguido disso, tentou-se dar continuidade ao acordo através da Fórmula Mineira, na qual defendia-se a ideia do candidato à presidência sair de Minas Gerais, visando o grande eleitorado estadual e a recuperação da posição de prestígio do PSD no estado, tendo em vista o avanço udenista em Minas. A tentativa foi elaborada pelo deputado pessedista Benedito Valadares, também com o aval de Dutra.

Na reportagem intitulada “O quero-quero mineiro” o Diário da Manhã comenta a Fórmula mineira, analisando o jogo político de seu idealizador:

Entre os trapezistas da política nacional, vem conquistando aplausos da assistência o discutido líder mineiro, sr. Benedito Valadares, que há mais de um ano vem sustentando uma tremenda batalha para reconquistar as posições perdidas no seu estado, onde a UDN mantém o seu quartel general nacional. “O sr. Valadares vem se revelando um grande estrategista do trapézio político, surpreendendo com os seus novos números o seu próprio mestre que ora passa a existência embalada pela brisa morna das planícies de Itu. (Diário da Manhã, 27 abr. 1950, p. 2).

Neste último trecho, o Diário da Manhã indiretamente faz menção ao antigo apoio do deputado Benedito Valadares a Getúlio Vargas. O político mineiro, que inclusive apoiou a Revolução de 1930, foi o candidato de Vargas nas eleições de 1938, que não se realizaram em função do Estado Novo. Diante do ocorrido, ao final da ditadura varguista, Américo passou a integrar a UDN. Nesse sentido, o jornal acusa o deputado de utilizar as articulações feitas em prol da sucessão presidencial ao seu benefício próprio, visando o governo estadual de Minas Gerais:

Toda a luta do manhoso mineiro tem por objetivo o governo de seu estado. Essa impressão que todos têm do sr. Valadares, de estar empenhado em encontrar uma solução para o problema da sucessão presidencial da República, é falsa, pois na verdade o ex-capitão provisório de 1932 pouco ou nada está se importando com a sorte da República[...] Valadares seria o quarto PSD, já teve quatro coordenadores e os quatro o sr. Benedito Valadares conseguiu anular-lhes a ação, derrotando-os. Está agora o astuto mineiro enfrentando o gal. Góis Monteiro, double de militar e de político,

que vem de assumir a posição de coordenador do partido para a escolha de seu candidato à sucessão do gal. Gaspar Dutra. (Diário da Manhã, 27 abr. 1950, p. 2).

Por fim, a reportagem ironizava a ação de Valadares nas negociações da sucessão presidencial, assim se “o gal. Góis Monteiro fracassar nos seus intentos para a unificação do PSD, o sr. Valadares poderá gritar a plenos pulmões: - Podem largar na arena o meu ex-mestre, o sr. Getúlio Vargas!” (Diário da Manhã, 27 abr. 1950, p. 2). Ou seja, o jornal acabou por ironizar algo que de fato ocorreu, uma vez que a incapacidade de unificação dentro do PSD e a falta de um nome coeso para o acordo tripartidário, acabou abrindo portas a Getúlio e ao PTB na corrida eleitoral. Esse novo esforço em torno de um candidato pessedista ao cargo máximo do executivo nacional, não atingiu o objetivo proposto, culminando na renúncia de Nereu da presidência do PSD ao mesmo tempo em que nenhuma resolução foi determinada.

O tempo corria, e PSD e UDN não conseguiram chegar a um acordo. O cenário estava cada vez mais propício para Getúlio, já que os nomes apresentados pelos outros partidos, não configuravam relevância política capaz de fazer firme oposição a ele

Quanto mais partidos se desentendessem na busca de uma solução consensual, melhor para Getúlio. Livre de compromissos, ele poderia mais tarde se apresentar como opção acima das querelas partidárias, uma resposta à incapacidade das lideranças tradicionais de construir um cenário efetivo de harmonia política. (Neto, 2014, p. 173).

Em abril de 1950, ante a incerteza da candidatura de Getúlio, o *Diário da Manhã*, publicou uma reportagem lembrando o aniversário do ex-presidente e a esperança que o movimento queremista depositava em seu retorno, de modo irônico comentou que “Afora Napoleão que obteve mais três meses de poder depois da queda, não há outro exemplo de retorno dos “homens fortes” destronados” (Frota. Aquino, Diário da Manhã, 26 abr. 1950, p. 3). Na matéria, afirmava-se que o governo Dutra dava continuidade do projeto de Vargas, comentando ainda, a possibilidade de uma nova candidatura por parte do são-borjense “Enquanto o queremismo entende que só Getúlio Vargas é capaz de salvar o país, nós achamos que embora não lhe possa negar a posse no caso de eleito, o sr. Getúlio Vargas seria um péssimo candidato” (Frota. Aquino, Diário da Manhã, 26 abr. 1950, p. 3).

Ainda em fins de março, o mesmo jornal, já especulava a possibilidade de uma aliança entre Adhemar de Barros, governador de São Paulo, e Vargas, apesar da negativa de ambos. Analisando as táticas políticas do governador paulista, que estaria, ao mesmo tempo,

negociando com Vargas e Dutra, o Diário da Manhã publicou que "Adhemar de Barros falhará em seu jogo duplo com presidente e com Getúlio Vargas" (Diário da Manhã, 20 mar. 1950, p. 3). Ou seja, Túlio Fontoura, diretor do jornal, estava acompanhando atentamente a possibilidade de um pacto populista, em várias oportunidades reportagens envolvendo o nome dos políticos populistas foram publicadas, sempre buscando evidenciar a instabilidade desta possível negociação, por exemplo "O governador Adhemar tem atrito com o sr. Getúlio Vargas" (Diário da Manhã, 26 abr. 1950, p. 1)

As especulações estavam corretas, Vargas e Adhemar de Barros vinham conversando desde fins de 1949, configurando uma das muitas possibilidades pensadas pelo ex-presidente. Em maio, de acordo com uma reportagem impressa no *Diário da Manhã*, havia sido publicado um Manifesto Populista. Este documento firmou, oficialmente um compromisso entre Getúlio Vargas e Adhemar de Barros, frente a busca de um candidato que pudesse corresponder aos princípios da política populista e se pusesse contra o liberalismo

Urgente, acaba de ser assinado, pelos srs. Getúlio Vargas e Adhemar de Barros, o manifesto lançando o movimento para formação da Frente Popular, destinada a participar da campanha sucessória. O manifesto, que foi assinado pelo sr. Adhemar de Barros, no Sanatório Esperança, onde o governador está hospitalizado, foi trazido hoje de Itú, pelo sr. Pedro Moacir, constando do documento da assinatura do ex-ditador. O manifesto, lançado pela frente popular, respeitará os entendimentos já iniciados, com outros partidos, visando encontrar um candidato que corresponde às necessidades do momento em que vivemos. (Diário da Manhã, 21 de mai. 1950, p. 3)

Em contraponto ao antigetulismo do *Diário da Manhã*, o periódico *O Nacional*, dirigido por Múcio de Castro, na maioria das vezes apresentou a figura de Vargas de forma positiva, dentro do período analisado. Uma vez que seu diretor estava alinhado aos princípios do trabalhismo, populismo e também do próprio PTB, empreendeu, portanto, campanha para Getúlio e demais candidatos dessa agremiação. Ao longo da pesquisa, foi possível identificar, também, anúncios de candidatos do PSP, partido de Adhemar de Barros. No entanto, *O Nacional* não deixou de comentar a expressiva campanha que o Brigadeiro estaria desenvolvendo. Em relação ao PSD, o jornal fez firme oposição, criticando candidatos e o próprio partido, tendo em vista as contradições entre PSD e PTB, que marcava a relação entre os partidos a nível estadual, refletindo diretamente nos diretórios partidários de Passo Fundo.

No início de agosto, *O Nacional*, dirigido por Múcio de Castro, apontou a falta de coesão dentro do PSD, especialmente no Rio Grande do Sul, ocorreu uma cisão que levou a formação do Partido Social Democrático Autônomo (PSDA), em razão do surgimento de uma ala autonomista dentro do partido. Assim, nas páginas de *O Nacional* caracterizou-se o

PSD como “um partido desfalcado, abatido, vencido, trata-se de um partido em liquidação.” (O Nacional, 11 ago. 1950, p. 2). Ainda, foi repreendida a ingratidão dos pessedistas para com Getúlio, visto todo o apoio prestado pelo ex-presidente à agremiação, tanto em sua fundação quanto nas eleições de 1945, defendendo desse modo, a atuação política de Vargas

Getúlio Vargas foi o fundador do Partido Social Democrático, foi sem dúvida quem elegeu Dutra, bem como os senadores e deputados federais do partido situacionista, os quais, sem o seu apoio estariam ainda hoje esperando, em longa fila, a sua vez de entrar na política. Em 1945, em virtude do apoio getulista, o Rio Grande do Sul deu ao general Dutra uma votação superior a 400 mil votos. Quando Vargas ficou na oposição, teve ao seu lado apenas os desinteressados, os idealistas, os que tem lutado sempre por um Brasil melhor e mais feliz. Os demais, deram as costas ao seu protetor e amigo, passando a atacá-lo, pois a raça dos ingratos perdurará sempre, enquanto o mundo for mundo.” (O Nacional, 11 ago. 1950, p. 2)

Outro momento que merece destaque na análise acerca da cobertura dos periódicos locais das eleições de 1950 diz respeito ao lançamento de cada candidatura. Em 09 de maio, o *Diário da Manhã* (09 mai. 1950, p. 1) publicou que o PSD gaúcho estava enviando três comissários ao Rio de Janeiro, buscando resolver definitivamente o problema da sucessão presidencial. No dia 15 de maio de 1950, os líderes do PSD nacional definiram o nome de Cristiano Machado como candidato à presidência e o encarregaram de propor a Vargas, que o PTB ocupasse a vaga de vice-presidente nesta chapa, o que não chegou a ocorrer. Como dito, a candidatura de Cristiano Machado foi fruto do interesse pessedista em lançar seu próprio candidato, não havendo acordo com as demais agremiações. Essa falta de harmonia do partido na escolha do candidato, antecipou os problemas que viriam a ser enfrentados pelo PSD, que perdera vários apoiadores, para o velho Getúlio Vargas

A indicação do PSD surgiu por insistência de Dutra, que se mostrava ofendido com os ataques de Vargas ao governo vigente e queria assegurar “continuidade” na presidência, escolhendo seu próprio sucessor. Mas Dutra foi ingênuo e relativamente ineficiente na arte das negociações com os caciques do PSD. (Skidmore, 2003, p. 105)

Na grande imprensa nacional, o enfoque principal ocorreu em torno das figuras de Getúlio Vargas e Eduardo Gomes. No entanto, a imprensa passo-fundense, focou especialmente nos nomes de Vargas e Cristiano Machado, devido ao grande enfrentamento entre PTB e PSD, bem como a oposição entre Múcio de Castro e Túlio Fontoura, dirigentes de *O Nacional* e *Diário da Manhã*, respectivamente.

Em agosto de 1950, antes de se encerrar o prazo de qualificação eleitoral, o *Diário da Manhã*, publicou uma matéria escrita pelo professor Aurélio Amaral, em evidente propaganda política ao PSD, denominado “O dever do voto”. No qual chamava atenção ao fim do prazo para qualificação eleitoral no dia 03 de agosto, “todos os brasileiros capazes precisam emitir sua opinião quanto ao destino da pátria” (Amaral. Aurélio, *Diário da Manhã*, 27 jul. 1950, p. 2). O professor ainda convidou os leitores a se filiarem ao PSD, pois o partido levaria Cristiano Machado à presidência e Cilon Rosa ao governo do estado, elencando ainda, possíveis nomes do PSD para as próximas eleições municipais de Passo Fundo. Por fim, completa "Com o PSD e seus candidatos, para a felicidade do Brasil, do Rio Grande do Sul e Passo Fundo” (*Diário da Manhã*, 27 jul. 1950, p. 2).

Em todas as publicações analisadas de *O Diário da Manhã*, nos meses de agosto e setembro haviam “folders” de propaganda eleitoral de Cristiano Machado à presidência, e Cilon Rosa ao governo estadual, também pelo PSD (anexo 1). Foram noticiados vários comícios feitos pelo candidato, e que segundo o jornal, foram um sucesso e ele, fora sempre recebido com empolgação por muitos de seus apoiadores, como um comício em Campo Grande, pró-candidatura do sr. Cristiano Machado, que fora muito concorrido (*Diário da Manhã*, 20 ago. 1950).

Em setembro, quando viajou para Erechim, no Rio Grande do Sul, estampou uma manchete escrita em letras garrafais “Grande concentração pessedista em Erechim, para ouvir a palavra dos candidatos Cristiano Machado e Cilon Rosa” (*Diário da Manhã*, 12 set. 1950, p. 2), o jornal comentou que pessedistas de toda a região estavam se deslocando para o município de Erechim, uma vez que Cristiano Machado não conseguiria visitar tantas cidades do Rio Grande do Sul quanto desejou.

O periódico procurava exaltar todas as qualidades de Cristiano Machado, tanto políticas, quanto pessoais, descrevendo-o como o candidato das tradições da família brasileira, homem de bem, do interior, nascido em Minas Gerais, terra da democracia (*Diário da Manhã*, 16 set. 1950). Na reportagem, atribuiu-se grande relevância nacional a figura do candidato pessedista e se manteve o otimismo quanto a sua vitória no dia 3 de outubro

Minas Gerais é no Brasil a terra clássica das nobilitantes tradições democráticas. [...] nessas paragens serranas, denfiniu-se o ambiente, conjugando-se ao redor do PSD as mais expressivas correntes partidárias da nacionalidade. Cristiano Machado votou toda sua existência a causa da república. [...] O povo, realmente tem sido ludibriado pelos falsos estadistas; por isso, agora dará seu voto aos homens de bem, aqueles que na vida pública já deram uma demonstração cabal de seu civismo construtivo e desinteressado. O Brasil é unânime em reconhecer o mérito desse homem

público. As eleições de 3 de outubro consagrarão as urnas o nome de Cristiano Machado e o Brasil, dentro de suas sadias tradições democráticas inaugurará uma nova fase de progresso.” (Diário da Manhã, 16 set. 1950, p.1).

Visando angariar votos nas urnas passo-fundenses, Cristiano Machado enviou uma mensagem ao Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Panificação e Confeitaria e de Massas alimentícias e biscoitos de Passo Fundo. A nota foi publicada no *Diário da Manhã*, declarando o desejo de manter contato direto com o presidente do sindicato e, através dele, com os trabalhadores. O candidato afirmava que gostaria de se inteirar das necessidades reais destes e que estava empenhado em compreender as reivindicações dos trabalhadores (Diário da Manhã, 1 out. 1950, p. 2).

Em *O Nacional*, por outro lado, o nome de Cristiano Machado foi pouco comentado, até tornar-se polêmico o suposto apoio recebido dos comunistas. Na capa da edição de 12 de setembro, estava impressa a seguinte chamada “Os comunistas nas hostes do PSD!” (P Nacional, 12 set. 1950, p. 1), e a provável aliança, teria sido formada através de aliados do presidente Dutra, e Cristiano Machado, estaria no meio dessas negociações, “assim, a palavra de ordem é brincar de roda sobre um vulcão, Prestes dá a mão a Guaraci, Guaraci dá a mão a Borghi, Borghi dá a mão a Vitorino, Vitorino dá a mão a Cristiano” (O Nacional, 12 set. 1950, p. 1). Ou seja, indiretamente, Cristiano Machado estaria envolvendo-se com os comunistas e com seu líder máximo no Brasil, Luís Carlos Prestes.

No dia seguinte, em *O Nacional*, foram publicadas mais algumas reportagens que faziam referência ao assunto, como “De mãos dadas - Cristiano Machado e Luiz Carlos Prestes” (O Nacional, 13 set. 1950, p. 1) e ainda “os comunistas votarão em Cristiano - em troca, Hugo Borghi conseguiu o registro dos candidatos vermelhos” (O Nacional, 19 set. 1950, p. 1). De acordo com o periódico, os candidatos foram registrados na legenda do PRT, controlado por Borghi, e em troca desse favor, deveriam auxiliar na campanha do candidato pessedista e ainda afirma que Machado estaria prometendo aos comunistas a volta à legalidade (O Nacional, 20 set. 1950). A polêmica continuou por todo o mês de setembro e declarações como estas, em um cenário internacional de Guerra Fria, eram extremamente prejudiciais à imagem do candidato pessedista.

Enquanto *O Nacional* divulgava o suposto envolvimento de Cristiano Machado com os comunistas, *O Diário da Manhã* tentou ao máximo abafar o assunto, publicando somente um pequeno texto garantindo que o candidato repudiava os comunistas e que a informação que o candidato do PSD receberia apoio deles em troca de compromissos era falsa. Nesse

sentido, também comenta-se o suposto apoio de Hugo Borghi, que estaria buscando firmar um acordo de troca de favores caso o candidato pessedista se elegesse.

Procurando ainda desviar as atenções da nova polêmica, *O Diário da Manhã* publicou um texto, comentando cada um dos três candidatos à presidência, visto que

a campanha política atinge, agora, sua fase mais agitada. Os candidatos já se têm cruzado em várias direções, para a conclusão de suas excursões no território nacional, com o objetivo de mobilizar o eleitorado para o sufrágio nas urnas” (Diário da Manhã, 19 set. 1950, p. 2).

O jornal comentou a responsabilidade do eleitorado ao fazer uso do voto, sendo essa a maior arma da democracia, os eleitores deveriam escolher muito bem seu candidato usando a razão. Portanto, “a imprensa cabe a obrigação de, desfilando os perfis dos competidores à governança da nação, mostrar ao povo os valores capacitados para dirigirem os destinos da Pátria.” (Diário da Manhã, 19 set. 1950, p. 2). Assim, abordou, em síntese as carreiras políticas de Getúlio Vargas, Eduardo Gomes e Cristiano Machado

Marca a personalidade do primeiro, o sr. Getúlio Vargas, o sorriso enigmático, a insinceridade e a demagogia como ele próprio vem conduzindo a sua jornada política. [...] Suas promessas desmedidas e falazes, de ex-mandatário absoluto do governo [...] constituem o ponto primordial de sua catequese maquiavélica, com o fito de conseguir os votos dos que se iludem pela retórica do seu fluente verbalismo - Quem poderá crer nas irrealizáveis e fantasiosas promessas do sr. Vargas? Ele é o retrato vivo e colorido do anti-democrata. (Diário da Manhã, 19 set. 1950, p. 2)

Não perdeu-se, portanto, mais uma oportunidade, de demonstrar a desaprovação pelo getulismo. Em seguida, o assunto passou a ser o Brigadeiro Eduardo Gomes, sendo elogiado como um homem de caráter honrado, todavia, neste momento do Brasil, não seria o candidato certo, pois as exigências eram altas demais “é indubitavelmente, uma estampa gloriosa do Exército Nacional, com um passado sem máculas. Mas convenhamos que sua condição de valoroso militar e o adorno de seu caráter e honradez não são suficientes para credenciá-lo ao mais alto posto da nação.

Por último, o jornal apresenta Cristiano Machado, novamente derramando elogios ao político mineiro, caracterizando-o como um homem de bem, focado nos interesses públicos e dono de uma longa jornada de serviços prestados aos país e principalmente, um patriota conhecedor das necessidades do Brasil

Aí está o motivo porque nos batemos, na hora presente, para que o eleitorado brasileiro ao congresso em torno do nome ilustre e impoluto de Cristiano Machado. E o Rio Grande do Sul há de dar ao Brasil a sua grande demonstração de solidariedade ao insigne cidadão que, vitorioso nas urnas no dia 3 de outubro próximo, assinalará o evento da nossa aspirada independência econômica e social. (Diário da Manhã, 19 set. 1950, p. 2)

Ainda, é preciso analisar o perceptível antagonismo entre os dois jornais, nos últimos momentos da campanha de Cristiano Machado. *O Diário da Manhã*, afirmava que o PSD aguardava com tranquilidade o resultado das eleições e comentava que “nos últimos dias, vem-se firmando a crença de que será muito difícil ao sr. Getúlio Vargas obter a maioria. Diz-se que ele próprio sofreu muitos desencantos por ocasião de suas excursões de propaganda” (Diário da Manhã, 28 set. 1950, p. 1) tendo percebido que não era o ídolo que pensava ser, portanto, a luta viria a ser travada principalmente entre Eduardo Gomes e Cristiano Machado. Ou seja, em Minas Gerais, por exemplo, o pleito seria acirrado entre Cristiano Machado e o Brigadeiro

Nos últimos dias vem intensificando grandemente a propaganda do sr Cristiano Machado, dá notícias sobre a excursão do candidato do PSD a Espírito Santo, e o seu embarque hoje para Minas, onde o brigadeiro ganha impulso. Os observadores experientes da política mineira, entretanto, dizem que, não obstante o entusiasmo do brigadeiro em Minas, a vitória ainda assim caberá ao sr. Cristiano Machado, embora por pequena margem. (Diário da Manhã, 28 set. 1950, p. 1)

De encontro à questão de Minas, *O Nacional* noticiou que uma forte dispersão de votos pessedistas estava acontecendo no estado mineiro, havendo grande receio que Cristiano Machado não obtenha em Minas a votação esperada (O Nacional, 19 set. 1950), logo, fora da bolha pessedista, já não se poderia esperar uma vitória do candidato pessedista nem mesmo em sua terra natal. Assim, o periódico de Múcio de Castro publicou as projeções do PSD, calculando a vitória de Cristiano Machado em diversos estados brasileiros, e descreveu os apoiadores do candidato como demasiadamente otimistas.

Embora Cristiano Machado tenha tido um número expressivo de votos, dado o cenário político nacional, a disputa pelo cargo de presidente do Brasil foi mais acirrada entre Getúlio Vargas e o Brigadeiro Eduardo Gomes. Até mesmo pelo contexto de forte oposição da UDN a Vargas, posto que a agremiação, em teoria, foi fundada justamente para constituir uma frente de defesa dos direitos democráticos, após o período ditatorial de Getúlio. Reunindo assim os opositores do gaúcho, como é o caso de Carlos Lacerda, personagem marcante já citado no presente trabalho.

A UDN, seguiu insistindo na candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes e mais uma vez, não obteve sucesso. A candidatura foi homologada no dia 12 de maio, esperou-se uma atmosfera diferente da encontrada em 1945, no entanto, de acordo com Skidmore (2003, p. 106) os udenistas novamente não souberam adaptar sua estratégia de campanha ao cenário político brasileiro pós Segunda Guerra Mundial. Mesmo tendo empreendido uma série de comícios por todo o território nacional e terem conquistado o apoio da grande imprensa, Eduardo Gomes não foi capaz de cativar a massa operária, por colocar-se contrário a direitos trabalhistas concedidos por Getúlio, como o salário mínimo.

A imagem udenista perderá o carisma de 45, sem ter conseguido substituí-lo pelo pragmatismo necessário para enfrentar a campanha eficiente de Getúlio Vargas. Este abordava os temas da industrialização e as questões cruciais de política social, ressuscitando, em contrapartida, o velho temor do “fantasma popular”, tão assustador para a ordem udenista. (Benevides, 1981, p. 79)

De acordo com Dandara de Oliveira (2016), a grande imprensa nacional realmente se posicionou, quase que em sua totalidade, a favor da candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes. O curioso é que mesmo assim, o candidato udenista praticamente não foi citado no jornal *A Tribuna*, de Carlos Lacerda, principal figura de oposição a Vargas, assim “seu foco, em grande parte da campanha, foi a figura de Getúlio Vargas, pois não havia uma experiência política da UDN para se pautar.” (Oliveira, 2016, p. 78)

No *Diário da Manhã* e *O Nacional*, o Brigadeiro também não teve grandes momentos de protagonismo nas páginas dos jornais, em comparação a Cristiano Machado e Getúlio. Mesmo assim, seu nome apareceu em várias oportunidades, principalmente comentando o roteiro de campanha e os comícios de sucesso feitos pelos locais que havia conseguido visitar, bem como sua passagem por Passo Fundo no roteiro de campanha. A mesma coisa ocorreu com a UDN de Passo Fundo, que poucas vezes figurou grandes reportagens. No *Diário da Manhã*, comentou-se, por exemplo, o apoio da juventude udenista a Cylon Rosa, visto que a agremiação não lançou candidato próprio ao governo gaúcho, e ainda, o apoio da sede municipal ao candidato à presidência Eduardo Gomes, onde exaltou-se seu carácter de grande valor moral (Diário da Manhã, 3 set. 1950).

Ambos os jornais comentaram a situação de José Américo, senador paraibano e figura relevante dentro da UDN, muito atuante na campanha do Brigadeiro. Este, envolveu-se em desentendimentos locais com outros membros da do partido, entre eles Odilon Braga, candidato a vice-presidência na chapa udenista. *O Nacional* publicou na capa da edição do dia 22 de agosto, que o político paraibano, ao que tudo indicava, ingressaria no Partido

Libertador, após as desavenças dentro da UDN. Mas, como estas não envolviam a pessoa do Brigadeiro, Américo teria dito que “não pensou em desligar-se do partido, embora acredite haver motivos para isso, pois, acima de todas as divergências, a candidatura do Brigadeiro, a quem manteve-se fiel desde a primeira hora, lhe merece tudo fazer para torná-lo vitorioso” (O Nacional, 22 ago. 1950, p.4).

O *Diário da Manhã*, também noticiou a situação, mas de maneira diferente, indicando que Américo havia trocado de lado, tendo publicado uma suposta declaração de José Américo, comentando o seu desentendimento com Odilon Braga e uma campanha da UDN paraibana contra sua pessoa. No entanto, o jornal de Túlio Fontoura não publicou a mesma parte da declaração que *O Nacional*, na qual Américo declarou que continuaria apoiando o Brigadeiro, apenas informou que “reconciliou-se o sr. José Américo com o senador Vargas, abandonando a UDN” (Diário da Manhã, 22 ago. 1950, p. 1).

Várias iniciativas foram encaminhadas na sessão udenista passofundense, que antecipou a vinda do candidato Eduardo Gomes ao município. Na oportunidade, de acordo com a reportagem, “foram tratados vários assuntos pertinentes à campanha eleitoral, principalmente no que se respeita à recepção ao Brigadeiro Eduardo Gomes, por ocasião de sua vinda a Passo Fundo em Setembro”. (O Nacional, 9 ago. 1950, p. 1) Em setembro, de fato, o candidato visitou a cidade e conseqüentemente o diretório udenista municipal, na reportagem, comentou-se apenas o roteiro apressado do candidato, que ainda tinha muitos locais para visitar e grandiosas manifestações seriam tributadas ao herói de copacabana (O Nacional, 9 ago. 1950) não empreendendo comentários mais significativos.

Em setembro, o mesmo periódico exibiu mais uma declaração positiva ao Brigadeiro, feita por Oswaldo Aranha, dizendo que votaria em Gomes para a manutenção da democracia: “Votarei no Brigadeiro que é a maneira de votar pela preservação da minha liberdade, manutenção da democracia e grandeza do Brasil” - palavras muito significativas, tendo em vista os laços de amizade pessoal que o ligam a Getúlio” (O Nacional, 19 set. 1950, p. 1).

Conforme comentado, em Passo Fundo o principal embate deu-se entre PTB e o PSD, portanto, nenhum dos periódicos faz realmente frente ao candidato udenista, e ambos destacam várias vezes o caráter honrado de Eduardo Gomes. Por isso, a maior parte das reportagens ligadas a Eduardo Gomes, abordaram seus movimentados comícios e as cidades brasileiras percorridas por ele e por fim comentam também a possibilidade do herói de copacabana superar Cristiano Machado em Minas Gerais, estado natal do pessedista.

É válido destacar também que, de certo modo, a candidatura de Eduardo Gomes acabou por incentivar a candidatura de Getúlio Vargas, que decidiu concorrer pelo PTB, pois

a agremiação não teria um candidato que pudesse superar o Brigadeiro nas eleições. Ao contrário do candidato udenista, Vargas, em sua campanha, soube explorar as demandas do trabalhismo, prometendo dar continuidade a várias medidas iniciadas em seu primeiro mandato, como a questão da previdência social.

A principal jogada política de Getúlio em 1950, foi basicamente, esperar. O gaúcho pacientemente aguardou que os demais partidos confirmassem a candidatura de seus próprios candidatos à presidência e, Getúlio portanto, pôde adotar um discurso lamentando o insucesso do consenso por um candidato único.

Portanto, até o último momento, Getúlio continuava a afetar a postura de um líder inclinado a construir consensos e a evitar rupturas. Por consequência, para legitimar o modo personalista de fazer política, apresentava-se como representante partidário e direto dos trabalhadores, um líder desvinculado das formas tradicionais de mediação e representação popular. Prometia assim, administrar o país com o mesmo espírito de concórdia e harmonia, livre das injunções partidárias e ideológicas. (Neto, 2014, p. 183.)

Lançadas as demais candidaturas, Vargas pôde, finalmente, confirmar a sua. Essa nova movimentação, como supracitado, foi extremamente danosa para a campanha política do pessedista Cristiano Machado

A pluralidade de candidatura e a conseqüente divisão das forças majoritárias vieram ao encontro dos planos do ex-ditador: a confirmação da candidatura de Eduardo Gomes afastara a UDN da órbita do governo Dutra, que por sua vez decidiu apoiar Cristiano Machado. - o abandono do candidato pessedista por lideranças do próprio partido introduziria um neologismo na política brasileira: “cristianizar” que passou a definir o fenômeno de uma legenda declarar o apoio formal a determinado candidato, enquanto na prática seus correligionários passam a trabalhar por outro. No caso específico do PSD, o beneficiado pela cristianização, estava óbvio, seria Getúlio.” (Neto, 2014, p. 183)

Grande parte do PSD, que abrigava muitos getulistas, decidiu não apostar suas fichas no candidato escolhido pelo presidente Dutra. Apenas em Minas Gerais, terra Natal de Cristiano, o apoio dos caciques do partido foi mais efetivo, nos outros estados os “entendimentos com o PSD ou com facções dissidentes do partido, asseguraram um apoio menos entusiástico a Machado, se não o apoio tácito a Getúlio” (Skidmore, 2003, p. 105).

Fatos como esse, demonstram que, mesmo em seu autoexílio em São Borja, Getúlio manteve seus contatos por ter claro a necessidade de construir alianças para o sucesso de sua nova candidatura. Preocupando-se com esses acordos ao invés de simplesmente prender-se a partidos. “A estratégia de Vargas era clara: manter a lealdade dos tradicionais caciques do

interior através do PSD, ao mesmo tempo que conseguia força eleitoral nas cidades através do PTB” (Skidmore, 2003, p. 103).

Concomitantemente à especulação quanto uma possível aliança entre Vargas e Adhemar de Barros, o *Diário da Manhã* noticiava também a expectativa acerca da confirmação e da legalidade da candidatura do ex-ditador, o mesmo fez *O Nacional*. Ambos relataram então, a espera pela aprovação da candidatura de Getúlio pelo Tribunal Superior Eleitoral, que estava analisando o pedido de registro da candidatura do senador Getúlio Vargas (*Diário da Manhã*, 13 ago. 1950). Comentando também, as figuras que iriam decidir a situação do registro, e se estas eram figuras favoráveis à democracia ou se tiveram ligação com o Estado Novo no passado. Enquanto isso, o jornal de Múcio de Castro abordou as expectativas acerca da análise do registro e explicou o funcionamento do processo. (*O Nacional*, 2 ago. 1950)

Ao passo que não se confirmava a candidatura, o *Diário da Manhã* publicou "As promessas do ditador", na reportagem procuraram apontar inúmeros erros e promessas não cumpridas da Era Vargas

Falando aos paulistas, o candidato do socializante prometeu dar terras aos marmiteiros. Disse que só agora, depois de governar o país durante 15 anos, percebeu a verdadeira situação do homem do interior, do operário agrícola, cujo abandono pelos poderes públicos é verdadeiramente inexplicável. Confessa o sr. Getúlio Vargas uma falha de seu governo que jamais olhara para o operariado agrícola, prometendo, desta feita, se eleito, reparar o mal, por meio de um amplo programa de assistência ao homem do interior. (*Diário da Manhã*, 12 ago. 1950, p. 2)

Posto isso, o jornal passa a comentar os problemas, em sua visão, de uma promessa como esta, que poderia afetar o prestígio de Vargas com o operariado urbano e lembrou algumas políticas adotadas na seu primeiro governo, que teriam prejudicado pessoas do campo

Esse compromisso que o candidato do PTB vem se assumir com o trabalhador agrícola, deve ter causado péssima impressão entre os trabalhadores das indústrias e do comércio em centros populosos, os quais estão lutando para recolocar o pai dos pobres no poder supremo da república, a fim de que os gêneros alimentícios e as demais utilidades de que necessitam os trabalhadores, sofram uma grande redução de preço. Para contentar os seus correligionários dos centros populosos obrigou o produtor a vender os cereais a baixo preço. (*Diário da Manhã*, 12 ago. 1950, p. 2)

Nesse sentido, de acordo com o *Diário da Manhã*, Getúlio estaria prometendo se redimir com o pequeno produtor de cereais e que estaria assumindo dois compromissos muito

sérios, “certo de que não poderá, de forma alguma, cumprir sua palavra, pois se proteger o produtor, desprotegera o operariado consumir, e se proteger esse, jogará ao abandono aquele” (Diário da Manhã, 12 ago. 1950, p. 2) como se não fosse possível promover políticas públicas de apoio a ambas as classes através de subsídios governamentais. Por fim, ainda completa, em claro ataque a figura de Vargas

Que ninguém se engane sobre o futuro. A ditadura comprometeu de tal forma a sorte do povo brasileiro, que todo o homem honesto, consciente da realidade nacional, só pode exigir do povo suor e lágrimas, disciplina e compreensão, a fim de que, por meio do trabalho ordenado e construtivo, se proporcione ao Brasil um clima de reconstrução social e econômica. Para extirpar os males criados pela ditadura no organismo nacional, será preciso meio século de lutas e de privações. Precisamos de um regime que trate todos com igualdade e que proporcione ao homem os recursos para que, por meio do trabalho honesto, possa se libertar da necessidade. (Diário da Manhã, 12 ago. 1950, p. 2)

Posteriormente, a candidatura de Vargas que já havia sido lançada de forma polêmica, em junho, foi oficialmente aprovada pelo TSE. O primeiro passo fora dado por Adhemar de Barros, governador de São Paulo em um evento em São Paulo, aos pés do monumento do Ipiranga, Adhemar anunciou a candidatura de Getúlio à presidência, a partir da coligação PTB-PSP. Formando assim uma frente populista na corrida eleitoral e finalmente dando fim a incerteza quanto à candidatura do são-borjense (Neto, 2014). Se deu de forma polêmica pois confirmou as especulações acerca da suposta aliança com o governador paulista, acusado várias vezes de corrupção e má administração dos recursos estaduais de SP.

A partir de então, iremos observar como cada periódico relatou a campanha política do ex-presidente pelo pleito de 1950. Importante também, é analisar as reportagens acerca da dúvida quanto ao vice-presidente apoiado pela chapa de Getúlio na coligação PTB-PSD, como o desejo de Getúlio em ter Góis Monteiro como vice-presidente e o desgosto pelo nome de Café Filho, que foi seu vice de fato.

Getúlio, em 1950, iniciou sua campanha na capital dos gaúchos, Porto Alegre. A cidade sediou um grande comício, reunindo milhares de apoiadores do são-borjense, que já havia sido recebido com uma grande manifestação no aeroporto e também no hotel onde ficou hospedado. De acordo com *O Nacional* (9 ago. 1950, p.1) ocorreria, naquela data um

Comício monstro de Getúlio e Adhemar, em Porto Alegre - será hoje, às 20:30 horas, um comício monstro no largo da prefeitura, promovido pelo Partido Trabalhista Brasileiro e Partido Social Progressista, ocasião em que falarão Getúlio Vargas e Adhemar de Barros.

Demonstrando a parceria firmada entre o ex-presidente e o governador paulista, que lhe acompanhou em vários compromissos de campanha. Na mesma data, ainda noticiou que mais de mil automóveis fariam o prestígio de Vargas em Porto Alegre e que “o povo de Porto Alegre apresenta-se para uma grande manifestação aos dois líderes populistas.” (O Nacional, 9 ago. 1950, p. 1). Desse modo, pela primeira vez em meses, Getúlio deixou a pacata São Borja, visando o Catete como parada final.

As palavras de Vargas estariam emocionando as pessoas presentes em seus grandes comícios, os discursos, montados por sua assessoria e ajustados pelo candidato, eram adaptados a cada local. Em sua passagem por São Paulo, o ex-presidente recordou o apoio de inúmeros paulistas à Revolução de 1930, a eleição como senador pelo estado de São Paulo no final de 1945 e que sentia um especial apreço pelo estado, “o discurso de Vargas foi sempre interrompido por grandes aclamações sendo espetáculo que marcou época pela sua magnitude.” (O Nacional, 15 ago. 1950, p. 1) Adhemar, que discursou antes de Getúlio, fez ataques ao governo federal, comentou seus feitos e pediu o apoio no pleito de três de outubro em favor de Getúlio Vargas. No Rio de Janeiro, Vargas também movimentou a cidade e a presença do candidato populista no Rio de Janeiro tem sido motivo de festas - sua volta ao Rio, assemelhou-se à volta de Napoleão na Ilha de Elba” (O Nacional, 15 ago. 1950, p. 1). O periódico ainda elogiou a linguagem clara de Vargas, característica importante de sua oratória, esses discursos emocionados conquistaram grande parte de seu eleitorado. Na reportagem, *O Nacional* destacou que

Vargas, em seu discurso no estádio do Vasco, leu um capítulo de suas memórias, revelando ao público muitas fases interessantes da política nacional, até então desconhecida do grande público. Foi uma oração magistral e empolgante para a massa que o ouviu ali e a qual o aclamava a todo instante" - "Não resta dúvida que o prestígio do chefe trabalhista não diminuiu, mas ao contrário, aumentou. Diz-se que Getúlio tem falado de modo compreensivo às massas, sendo claro em suas exposições, não deixando margem a subentendidos. Falou francamente, apresentando problemas nacionais em suas verdadeiras proporções, sem exagero e sem omitir nada. Esta é a linguagem que o povo compreende e adota. A presença de Vargas no RJ tem constituído motivos de festas populares. (O Nacional, 15 ago. 1950, p. 1)

Durante todo o período de campanha, *O Nacional* noticiou os passos de Getúlio por todo o território brasileiro, em todas as regiões do Brasil. Em passagem no nordeste, a presença de Getúlio resultou em comícios monumentais, e de acordo com o jornal, eram as manifestações populares mais entusiástica manifestação da região (O Nacional, 24 ago. 1950). Em seu discurso, Getúlio mencionou as obras feitas durante seu governo no Nordeste,

como a abertura de açudes e estradas, criticou ainda, o desvirtuamento dos sindicatos de classe e disse se identificar ainda mais com o “povo”, aclamado no momento do discurso, por fim, encerrou “povo do Ceará, confia em mim.” (O Nacional, 21 ago. 1950, p. 1).

Segundo *O Nacional*, Getúlio obteve uma estrondosa recepção na capital baiana, Recife, em que 200 mil pessoas o aclamaram, em um comício monstro. (O Nacional, 31 ago. 1950). Na oportunidade, Getúlio discutiu a questão do petróleo, criticando a maneira como o atual governo estava tratando a questão, lembrou algumas obras feitas durante seu governo no estado da Bahia e por fim afirmou que se “subir ao governo, nesse dia, o povo será governo e o governo será povo” (O Nacional, 31 ago. 1950, p. 1).

Em setembro, Getúlio visitou Erechim e Passo Fundo, a possível vinda de Adhemar também foi especulada. Sua presença na região rendeu várias reportagens nos jornais, *O Nacional*, publicou que Vargas foi alvo de estrondosa manifestação popular na cidade, tendo ocorrido um grandioso comício no altar da Pátria, “contando com a palavra de brilhantes oradores, entre os quais o candidato à presidência da República” (O Nacional, 21 set. 1950, p. 3). Ao final de sua fala, durante sua passagem pela capital do planalto médio, o candidato questionou "povo de Passo Fundo agora vos quero fazer uma pergunta: posso contar convosco?" - a multidão bradou “pode" pode!" (O Nacional, 21 set. 1950, p. 3).

Preenchendo a página anterior, estava impresso um dos folders de propaganda política publicado por *O Nacional* (21 set. 1950, p. 2), estampando o slogan "pela vitória do povo e do Brasil”, indicava o voto em Getúlio para presidente da República. O folder (anexo 2) também objetivava angariar votos para os candidatos a deputado federal, Múcio de Castro, diretor do jornal e candidato e Antônio Donin, professor e jornalista, candidato a deputado estadual. Ainda, estava impresso um jingle nominado “Hino trabalhista” e por fim, em letras grandes “Salve, 3 de outubro”. O jornal divulgou diversos folders de propaganda, com mais de um candidato a deputado, por exemplo, em 23 de setembro, publicou-se o "Rodrigo inspira confiança a Getúlio, como Getúlio inspira confiança a Rodrigo" - Para presidente - Getúlio Vargas e para deputado federal - Rodrigo Magalhães (anexo 3).

O periódico de Túlio Fontoura, *Diário da Manhã*, também comentou a passagem de Vargas por Passo Fundo, apresentando uma versão diferente de *O Nacional*. Ao contrário do seu concorrente, as reportagens do *Diário da Manhã* questionavam o número de pessoas presentes no comício e a relevância deste evento, em que “um irrequieto locutor anuncia 50 mil pessoas, quando Passo Fundo, segundo recenseamento, tem apenas 25 mil habitantes” (Diário da Manhã, 21 set. 1950, p. 1). Segundo o jornal, o encontro não contara com mais de 4 mil pessoas, dados bem destoantes. Outro ponto interessante, consiste no fato de que nenhum dos oradores do

comício, nem mesmo Vargas, se referiu a Café Filho, candidato a vice-presidente. “O candidato à vice-presidência da república é uma pessoa esquecida, parece que Getúlio e seus companheiros tem medo de falar no Café Filho. Será porque a Liga Eleitoral Católica (LEC) impugnado o nome de Café, candidato de Adhemar?” (Diário da Manhã, 21 set. 1950, p. 1)

Em meio a todo o caos da campanha, *O Nacional* ainda publicou mais algumas matérias exaltando a figura de Getúlio. Em agosto, afirmou que “se eleito, nada impedirá a posse de Getúlio Vargas”. Na reportagem, o ex-presidente manifestou-se plenamente convencido de que nada impediria a sua posse, se for eleito, e disse que nada teme se houver agitação no decorrer da campanha sucessória” (O Nacional, 17 ago. 1950, p. 1). Em setembro, publicou-se um texto acompanhado de uma imagem de Getúlio, sob o título de “Engano de iluminação política”, o escrito continha uma ideologia a astronomia para tratar do assunto. Comparando os políticos a corpos celestes. Em síntese, expõe as qualidades de Getúlio Vargas e explica porque os gaúchos devem escolhê-lo para presidente da república, Getúlio que nunca os deixou desamparados e já tem experiência no cargo, sendo assim “um riograndense nunca deixa de apoiar um conterrâneo seu.” (O Nacional, 5 set. 1950, p. 1 e 4)

Mais da metade da campanha política de Vargas foi feita sem a definição do candidato a vice-presidente em sua chapa. Essa questão incômoda, foi amplamente comentada pelo *Diário da Manhã*, especulando entre Góis Monteiro e Café Filho e como já comentado, também questionando a estabilidade da coligação PTB-PSD, logo, a aliança entre Getúlio e Adhemar. O nome de Café Filho foi imposto por Adhemar à Getúlio, pois o primeiro integrava a legenda do PSP e portanto, o governador paulista, considerava justa sua candidatura, fazendo valer a coligação. Mas seu nome não agradou Vargas desde o princípio, por não confiar em Café, considerando algumas ações suas no Estado Novo, em 1935, a título de exemplo, Café Filho “se insurgira na tribuna contra a aplicação da lei de segurança nacional, em 1937 denunciara o Plano Cohen como uma tapeação militar para legitimar a ditadura do Estado Novo” (Neto, 2014, p. 189).

Mesmo contra a vontade de Adhemar, Getúlio tentou negociar a vice-presidência com Góis Monteiro, militar de alto prestígio dentro das Forças Armadas, que declinou o convite do velho conhecido logo de cara, mas Vargas insistiu na ideia o máximo que pode. No final de agosto, *O Nacional* publicou uma reportagem acerca de Góis Monteiro e Café Filho, onde o primeiro disse que não se pronunciou em nenhum momento de forma positiva ao convite feito por Vargas

Góis e Café Filho concorrerão na legenda populista à vice-presidência da República - Parece já definitivamente assentado que a coligação do populista Getúlio-Adhemar disputará com dois candidatos à vice-presidência. E enquanto Getúlio e certa ala petebista não aceita Café Filho, Adhemar insiste. Ao mesmo tempo, avoluma-se a crença de que o candidato de Getúlio é Gois Monteiro. Faltando apenas 10 dias para o encerramento do prazo de registro da candidatura - verifica-se um corre-corre para solucionar o problema da vice-presidência. (O Nacional, 20 ago. 1950, p. 1)

O *Diário da Manhã*, comentou a incômoda situação entre o deputado Café Filho e Getúlio Vargas, uma vez que o primeiro fora, durante toda a sua carreira política, antigetulista, compondo oposição ao ex-presidente

depois de uma brilhante carreira oposicionista, em que muitas vezes empolgou a opinião popular, o representante potiguar passou a esponja sobre a carreira corretíssima e resolveu unir-se ao que mais bateu em sua vida, pelo simples aceno da mão direita. Acontece que o todo poderoso não se sente honrado com a decisão, e não a que de forma alguma. (*Diário da Manhã*, 15 ago. 1950, p. 1).

Alguns dias depois, o jornal do pessedista Túlio Fontoura, novamente abordou a questão a candidatura do sr. Café Filho, que não seria abandonada pelo Partido Social Progressista (PSP), “que considera sua candidatura de fato consumada e já promoveu a instalação do seu primeiro escritório eleitoral, independentemente do comitê de propaganda de Getúlio Vargas.” (*Diário da Manhã*, 20 ago. 1950, p. 4). Na reportagem intitulada

O caso da vice-presidência”, o mesmo periódico informa que o general Góis Monteiro “passou uma rasteira no sr. Getúlio Vargas, no caso da presidência da república [...] declarou que o PSD não concordou na aceitação do convite, voltando tudo à estaca zero. (*Diário da Manhã*, 02 de set. 1950, p. 2).

O convite de Getúlio ao general teria feito o caldeirão do PTB-PSP ferver e irritado ao máximo o empreiteiro da candidatura de Vargas, Adhemar de Barros, ainda, de acordo com o jornal, Gois teria causado uma grande confusão, dificultando as articulações políticas do ex-ditador, que em cima da hora, teria que aceitar o nome de Café Filho, não lhe restando opções.

Apesar de todas as provocações feitas, o jornal de Túlio Fontoura não comentou um ponto importante, a possível aliança entre Góis Monteiro e Getúlio Vargas, a qual assustou diversos pessedistas, que temiam uma dispersão de votos que seriam de Cristiano Machado, para Getúlio. Visto que muitos pessedistas já haviam abandonado o candidato à própria sorte.

Haviam, variadas versões circulando na imprensa acerca do tema. No dia quatro de setembro, o jornal *O Nacional*, publicou na primeira página que “Gois pretendia isolar Getúlio de Adhemar” (O Nacional, 04 set. 1950, p. 1) seguida de outra, afirmando que “Góis teria encerrado as negociações” (O Nacional, 04 set. 1950, p. 1). A primeira reportagem, sugeriu um possível afastamento entre Getúlio e Adhemar e o consequente enfraquecimento da frente populista, caso Góis aceitasse concorrer como vice-presidente de Vargas. Já a segunda, comentava o encerramento das negociações entre o general e o ex-presidente, por parte do primeiro, que “declarou que fora apenas comunicar a Getúlio o encerramento das negociações e conversaram sobre assuntos gerais” (O Nacional, 04 set. 1950).

Getúlio esperou o máximo que pode, crendo que Gois poderia mudar de ideia. Assim, a candidatura de Café Filho foi registrada somente no dia 05 de setembro, prazo máximo dado pelo TSE. Na data, a capa de *O Nacional* (5 set. 1950, p. 1) apresentou que Adhemar afirmando “que nada o impedirá de sustentar a candidatura de Café Filho”. Alguns dias depois “Café filho será o vice! - resolvido, finalmente, o assunto em torno do nome que figurará na chapa de Getúlio” (O Nacional, 08 set. 1950, p.1). No entanto, foi somente em 17 de setembro que os dois subiram juntos no mesmo palanque em um comício feito na cidade de Bauru, em São Paulo, onde Getúlio confirmou que Café era seu vice. É preciso destacar que isso ocorreu contra a vontade do ex-presidente, em uma situação armada por Café Filho, que não tolerava mais a completa indiferença de Getúlio por sua pessoa. “Depois desse gesto de pacificação dos espíritos, Café foi incorporado temporariamente à comitiva eleitoral” (Neto, 2014, p. 195), temporariamente, pois Vargas somente tolerava-o.

Após ter se definido Café Filho como candidato a vice-presidência, a LEC, em parecer, recomendou que nenhum católico deveria votar no candidato, por ser um “político de tendências esquerdistas, possuía um histórico considerado suspeito e ainda era evangélico e defensor do divórcio, o que o deixava mal, também com a Igreja” (Neto, 2014, p. 189). O manifesto da Liga, fora publicado e listava diversos políticos que não deveriam ser votados pelos fiéis católicos.

O *Diário da Manhã* explorou ao máximo a situação para prejudicar ainda mais a imagem de Getúlio, publicando várias reportagens sobre a impugnação do nome de Café Filho pela Igreja Católica e os possíveis efeitos disso sobre a campanha de Vargas. Este, não teve o nome impugnado, portanto, é possível interpretar que a “Igreja não desejava criar um caso que pudesse transcender da órbita religiosa para a política” (Diário da Manhã, 20 set. 1950, p. 1), mesmo sendo evidente a superação da bolha religiosa, desejando ditar os candidatos válidos e não válidos.

No início de setembro, havia sido publicado, na segunda página do periódico pessedista um comentário acerca da situação “Getúlio-Café”, onde se explorou com radicalidade as tendências de esquerda de Café Filho

Com a escolha do nome do sr. Café filho, para companheiro de chapa do sr. Getúlio vargas, está completa a carga do barco socializante, o candidato do PTB à presidência da república tem como seu companheiro de chapa o deputado potiguar, o único parlamentar que votou contra a cassação do registro do partido comunsita do brasil, o anti-clerical extremado cuja conduta política se harmoniza de tal forma com o credo vermelho, que entre o atual vice-presidente da República e o sr. Luiz Carlos Prestes, o ditador Stalin terá dificuldade em distinguir o mais integral dos comunistas.(Diário da Manhã, 2 set. 1950, p. 2).

De acordo com jornal, a partir dessa aliança, Getúlio teria conquistado os votos dos comunistas brasileiros e que, votando em Café Filho, os integrantes do PCB estariam garantindo a sua volta à legalidade. Desse modo, "a dupla Getulio-Café reúne em torno de sua bandeira os esquerdistas e comunistas, que, unidos, marcharam contra os partidários da democracia” (Diário da Manhã, 2 set. 1950, p. 2).

Enquanto o *Diário da Manhã*, de cunho pessedista, acusava Getúlio de aliar-se ao comunismo, *O Nacional* procurava discernir termos como trabalhismo e socialismo. A declaração feita por Alberto Pasqualini, candidato ao senado pelo PTB afirmava que o trabalhismo nada tem a ver com o socialismo, e declarou que provaria “a luz meridiana da razão, que o trabalhismo nada tem a ver, propriamente, com o socialismo condenado pela Igreja, concluindo pela perfeita consonância do sistema político adotado pelo nosso partido e a doutrina cristã” (O Nacional, 6 set. 1950, p. 1). Assim, o candidato lamentou as distorções das propostas trabalhistas, e declarou que estavam em marcha acelerada para a vitória.

Dois dias antes do pleito eleitoral, *O Nacional* (1 out. 1950, p.1) comentou os prognósticos positivos a Getúlio apontando que “se a opinião pública vale alguma coisa, se a voz popular merece algum crédito, não resta dúvida de que Getúlio vencerá por boa margem e Ernesto Dornelles por larga diferença aqui no estado”. Dornelles, primo de Getúlio, concorreu pelo PTB ao governo gaúcho e também logrou o cargo, logo, o jornal foi certo em suas previsões.

Objetivamente, Getúlio venceu a corrida eleitoral com 48,73% dos votos, angariando 3.849.040 do total de 8.254.989 (TSE, *s.d*), Eduardo Gomes fez 29,66% da votação e Cristiano Machado 21,49%. Na vice-presidência, Café Filho, logrou o cargo por 35,76% do conjunto, somando 2.250.790 votos, logo, as eleições foram decididas no detalhe, pois Odilon

Braga, da UND, recebeu 33,26% dos votos, enquanto Vitorino Freire, do PST coligado com o PSD, recebeu apenas 7,43%.

Ao longo dos dias de apuração, o Nacional sempre demonstrou que a vantagem era de Vargas, conforme publicação que destacava parcial em que “Getúlio com 1.054 votos até a oitava urna desta cidade, Cristiano Machado com 172 e Eduardo Gomes com 165 votos” (O Nacional, 5 out. 1950, p. 1), no mesmo dia, comentou-se a grande evasão de votos em Minas Gerais, de Cristiano para Getúlio e nem mesmo na sua cidade natal, Sabará, o pessedista estaria liderando o pleito. Em todas as suas publicações, *O Nacional* atualizava os resultados das urnas, sempre favoráveis a Vargas e ao trabalhismo.

De acordo com o periódico de Múcio de Castro, no Rio de Janeiro, as edições dos jornais getulistas saíram exaltados, “trazendo grandes manchetes, com slogans de vitória e prognosticando a esmagadora derrota dos adversários de Getúlio, enquanto os jornais udenistas e cristianistas mantêm-se discretos, dizendo que é cedo para prognósticos seguros.” (O Nacional, 5 out. 1950, p. 1). No dia seguinte, o jornal cravou a “indiscutível derrota do governo” (O Nacional, 5 out. 1950, p. 1), comentando-se a “traição do PSD” em favor de Getúlio e a derrota do governo, pois Cristiano Machado era o candidato do então presidente Dutra e de um pequeno grupo, perdendo por grande diferença, ficando em 3º lugar no pleito. (O Nacional, 6 out. 1950, p. 1). Nesse momento, Getúlio estava na fronteira do Brasil com a Argentina, na Estância São Pedro, acompanhando os resultados eleitorais na fazenda do sr. Batista Luzardo, onde deveria permanecer até conhecer os resultados finais da apuração que se está processando em todo o território nacional.

Os resultados já estavam claros antes do dia 10 de outubro, mesmo com as votações tendo sido totalmente apuradas, só em fins do mês. No dia 9, *O Nacional* publicou que Getúlio havia sido “escolhido pela vontade quase unânime do povo brasileiro” (O Nacional, 9 set. 1950, p. 1). No corpo da matéria indicava que “como era de prever, agora já temos a manifestação tácita da vontade soberana do povo brasileiro. Já a esta altura dos acontecimentos eleitorais, temos a comprovação ‘Ele voltará’” (O Nacional, 9 out. 1950, p. 1). O slogan queremista, surgido no final do dia 30 de outubro de 1945, tornar-se-ia por fim, realidade. Nesta data, também, encerrou-se a apuração final das 36 urnas distribuídas no município de Passo Fundo, apresentando os seguintes resultados: “Getúlio 4895 votos, Cristiano 846, Brigadeiro 779, Dornelles 4729 votos e Cylon 1360” (O Nacional, 09 out. 1950, p. 1). Vitória esmagadora do trabalhismo e do PTB, na cidade.

Conforme se apurou as urnas em todo o território nacional, Getúlio manteve-se na dianteira “ com um milhão de vantagem, e 54% dos votos até o momento” (O Nacional, 10

out. 1950, p. 1), de modo que estava praticamente eleito. Ao mesmo tempo que apresentava os números favoráveis a Vargas, *O Nacional* abordava, novamente, a traição do PSD para com Cristiano, que ficou clara com os números da votação. Na capa de 17 de outubro, discutiu-se a posição que a UDN iria tomar no novo governo, sendo provavelmente o núcleo mais poderoso para fazer frente a Getúlio, enquanto o vencedor estaria conclamando as forças políticas para uma coligação partidária, ainda, “tudo indica que o PSD aderira massivamente Getúlio.” (O Nacional, 17 out. 1950, p. 1).

Celebrando os ótimos resultados da campanha do PTB em Passo Fundo, publicou-se uma mensagem do líder Alberto Pasqualini enviada a Daniel Dipp, nome de relevância dentro da agremiação a nível municipal enviando “um grande abraço pela vitória e minhas felicitações pela eleição do caro amigo a Assembleia do Estado, onde há de se prestar grandes serviços ao trabalhismo e ao Rio Grande” (O Nacional, 19 out. 1950, p. 1). Como comentado, Getúlio voltou ao Catete como salvador do povo brasileiro, em função de uma série de políticas impopulares do governo Dutra, nesse sentido, *O Nacional* (27 out. 1950, p. 1), afirmou: “A vitória de Vargas é fruto da política de Dutra.”

Até a data das eleições, o periódico *Diário da Manhã* pintava Getúlio e seus apoiadores como figuras extremamente convencidas da vitória, observando que Vargas tinha o Catete como certo e era demasiadamente otimista. No dia das votações, três de outubro, publicaram um último folder em propaganda a Cristiano Machado e Cylon Rosa, requerendo o apoio do povo gaúcho para elegê-los e consolidar a democracia brasileira. Ainda, noticiou medidas de segurança tomadas pelo governo para que as eleições ocorressem normalmente, com policiais apostos e preparados para possíveis tumultos (Diário da Manhã, 03 set. 1950, p.1). Na mesma publicação, fez uma grave denúncia contra o governador Adhemar de Barros que “estaria coagindo os eleitores em São Paulo, para votarem nos candidatos da coligação PSP-PTB” (Diário da Manhã, 3 out. 1950, p. 1). O paulista estaria formulando uma polícia inteiramente nova, com atribuição principal de coagir o eleitorado no próximo pleito, “essas nomeações deverão alcançar uns quinze mil até hoje, e esses obrigarão o eleitorado a seguir a política dele, sufragando os ser. Getúlio Vargas e Café Filho” (Diário da Manhã, 3 out. 1950, p. 1). Nesse sentido, as agremiações do PSD e UDN, principalmente, fizeram denúncias das ações praticadas por Adhemar.

O cenário não era nem um pouco favorável a Cristiano Machado, e no dia 5 de setembro o *Diário da Manhã* publicou as apurações das urnas, até a noite anterior, “prevista a vitória do sr. Cilon Rosa, consideram vitoriosa a dupla Getúlio-Café”, é interessante analisar o jogo de palavras, “consideram”, não considera-se ou consideramos, portanto, o jornal não

julgava a dupla como vencedora ainda. No dia 11 de outubro, o jornal publicou que Getúlio Vargas pretendia iniciar uma ampla campanha de pacificação, mas ao mesmo tempo afirmou que “os descontentes são muitos” e que teriam indivíduos dispostos a lutar contra a volta de Vargas ao Catete. (Diário da Manhã, 11 out. 1950, p. 1).

Considerando a vitória do ex-presidente como certa, no dia 16 de outubro, o *Diário da Manhã* especulou uma possível fusão entre PSP e PTB, bem como os acordos que seriam feitos entre Getúlio e Adhemar, articulando as pastas ministeriais. Ainda, na mesma, lembrou, que a população brasileira elegeu um ex-ditador, que no passado, não quis “acatar os direitos do povo na escolha de seus dirigentes” (Diário da Manhã, 16 set. 1950).

Por fim, na última edição analisada, o *Diário da Manhã* alegou que os comunistas estavam satisfeitos com a vitória do senador Getúlio Dornelles Vargas e alertou a possibilidade de uma nova ditadura varguista “aumentam os temores sobre o novo regime e prevê-se ditadura.” (Diário da Manhã, 20 out. 1950, p. 1). Claramente, o jornal seguiria fazendo oposição a Vargas, e a partir de 31 de janeiro de 1951, na condição de presidente.

A vitória de Getúlio Vargas e do trabalhismo nas eleições de 1950 foi analisada por diversos autores, com visões e argumentos diferentes. Em síntese, a capacidade política de Getúlio garantiu-lhe a volta à cadeira presidencial

O fato de o getulismo extrapolar a existência formal dos partidos possibilitou uma maleabilidade maior para os arranjos políticos que o levaram à vitória eleitoral, ocasionando, simultaneamente, um enfraquecimento de compromissos no que toca às organizações partidárias, que de fato ficaram liberadas para a realização de com posições momentâneas que melhor atendessem a seus interesses específicos. (Araújo, 1992, p. 24)

Todavia, essa flexibilidade também facilitou a articulação das forças oposicionistas. De acordo com Maria Celina D’Araújo (1992, p.24) a oposição não impediu a posse de Vargas, mas abriu caminho para futuros entendimentos com os setores militares antigovernistas. Formulando, efetivamente, instrumentos eficazes para o cerco final à política empreendida pelo Presidente Vargas, culminando na crise de 1954 e conseqüente suicídio.

Portanto, as ações traçadas durante a campanha de 1950, também acabaram por influenciar os desdobramentos que levaram Vargas a tirar a própria vida e, entrar para história. Evidenciando assim, a importância de se compreender o contexto em que ocorreram episódios marcantes da história política brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou lançar luz às eleições presidenciais de 1950, utilizando como fonte de pesquisa, a imprensa local da cidade de Passo Fundo. Embora haja uma variedade de estudos acerca das eleições de 1950, as fontes utilizadas são inéditas dentro desse recorte temático, até onde se sabe, e permitem uma visão regionalizada, de um evento de grande relevância nacional, a partir dos periódicos *Diário da Manhã* e *O Nacional*.

Dessa forma, no primeiro capítulo do trabalho, tratou-se o contexto histórico que antecedeu as eleições de 1950, bem como as principais figuras deste capítulo da história política no Brasil. Explorando assim, os principais acontecimentos do campo político desde o final do Estado Novo, como as consequências da deposição de Getúlio Vargas, as eleições de 1945 e o exílio do ex-presidente em São Borja, ainda, também foram expostos os motivos que levaram o primeiro governo Vargas ao esgotamento.

Portanto, buscou-se compreender o papel de Vargas nas articulações políticas que definiram as eleições de 1945 e 1950, tanto na criação de partidos como PTB e PSD ainda como presidente, quanto em sua influência na vitória de Dutra, incentivando seus apoiadores a elegerem o general. Para além dos partidos fundados por Vargas, tratou-se também da criação e das principais características da UDN, agremiação que organizou uma frente de oposição ao getulismo. Ou seja, Getúlio foi de fato muito relevante na reorganização do sistema partidário brasileiro, sendo responsável pela configuração partidária vigente de 1945 a 1964 e o processo de redemocratização do Brasil.

Dentro desse panorama das eleições de 1945, o presidente deposto, Getúlio Vargas, já começou a planejar seu retorno ao Palácio do Catete. Ao conceder apoio político a Eurico Gaspar Dutra, militar de alta patente das Forças Armadas e um dos responsáveis pela deposição de Vargas no dia 29 de outubro, Vargas deixou seu orgulho de lado, visando unicamente impedir a eleição do Brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN. Em 1950, esperou pacientemente que UDN e PSD lançassem seus próprios candidatos, uma vez que a

Além do mais, nesta primeira etapa do trabalho, entendeu-se como necessário explorar o conceito de *grande imprensa*, visando sua utilização ao longo do trabalho. Posto isso, no meio político, dentro do período abordado, a imprensa nacional fora diretamente afetada pelas limitações sobre os meios de comunicação durante o regime ditatorial de Vargas. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), por exemplo, foi criado justamente para regulamentar e fiscalizar a imprensa, com o objetivo de censurar informações

e opiniões, além da responsabilidade sobre a propaganda governamental, visando a manutenção do poder e a legitimação da ditadura.

No mesmo sentido, estudando temas relacionados à imprensa e política, o papel de duas figuras antagônicas, Carlos Lacerda e Samuel Wainer, nas eleições de 1950 foi analisado. Lacerda não mediu esforços para fazer oposição a Vargas e a todas as bandeiras do getulismo, tanto como jornalista, como político e membro da UDN. Em contraponto a Lacerda, foi analisada a relação de Samuel Wainer com o assunto pesquisa, ele, que foi um jornalista muito conhecido no meio político, principalmente a partir do final dos anos 1930. Ganhando ainda mais notoriedade após uma entrevista realizada com Getúlio, em São Borja, no ano de 1949, abordando principalmente, um possível retorno do ex-presidente e publicando algumas declarações marcantes do mesmo, ligadas ao trabalhismo e ao populismo. Essa reportagem, publicada no periódico *O Jornal*, dirigido por Assis Chateaubriand, balançou o meio político, frente a possibilidade da candidatura do ex-ditador.

Logo, nesse primeiro capítulo, foi possível constatar a importância da contextualização do cenário político. Tendo em vista que o panorama de 1950 vinha se desenhando desde o final do Estado Novo em 1945 e conseqüentemente do período em que Getúlio afastou-se do centro político, pelo menos de forma oficial. Evidenciando, portanto, a necessidade de compreender esses fatores, para tornar possível a análise do período a partir das fontes escolhidas e as abordagens utilizadas pelos jornais.

No segundo capítulo, antes de partir para o estudo direto das fontes, foi preciso fazer uma apresentação mais detalhada do *Diário da Manhã* e do *O Nacional*. Trazendo à tona o impacto do Estado Novo sobre o jornalista Túlio Fontoura, fundador do *Diário da Manhã*, explicando a dura oposição feita por ele, a Getúlio Vargas, enquanto Múcio de Castro, diretor de *O Nacional*, partilhava dos ideais trabalhistas. Concomitantemente, foi feita uma breve contextualização do cenário político em Passo Fundo a partir do fim da Era Vargas, bem como alguns dados a respeito das eleições de 1945 e 1947 na cidade. A seguir, explorou-se os desdobramentos da campanha presidencial de 1950, a partir dos jornais elencados como fonte.

No que tange ao cenário político de Passo Fundo, foi importante trabalhar a fundação dos três principais partidos do trabalho (PTB, PSD e UDN) no município. Que assim como as agremiações estaduais, tiveram suas peculiaridades e desenvolvimento próprio, conforme o jogo político elaborado na cidade. Portanto, o cenário político de Passo Fundo tinha duas representações políticas principais, formadas pelo PTB e PSD, onde os demais partidos como UDN, PL e PSP por exemplo, ficavam em segundo plano nas disputas políticas. Assim, PTB

e PSD fizeram firme oposição um ao outro, fato que já havia ocorrido nas eleições presidenciais de 1945 e no pleito municipal ocorrido em 1947. Ainda, explicou-se as consequências da falta de coesão interna do PSD e o surgimento de um PSD autônomo, visto a discordâncias ideológicas entre os membros da mesma agremiação.

Os resultados das urnas passo-fundenses nas eleições presidenciais de 1945, revelam que Eurico Gaspar Dutra, do PSD, apoiado por Getúlio Vargas, conquistou mais votos que o Brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN, na cidade. Todavia, na escolha dos representantes da Assembleia Constituinte que seria realizada em 1946, os resultados não foram tão positivos para os defensores do trabalhismo e das ideias de Vargas. Cenário que melhorou, para o PTB nas eleições de 1947, tanto na escolha dos representantes ao legislativo gaúcho, elegendo deputados estaduais e federais, quanto nas eleições municipais, em que o PTB logrou o cargo de prefeito.

Em um segundo momento, passou-se a analisar a cobertura das eleições de 1950, a partir dos jornais. Enfatizando suas tendências políticas, que tornam-se claramente visíveis conforme o pleito de outubro se aproximava. Buscou-se mostrar a retratação de momentos significativos da campanha política nos jornais. Explorando-se, por exemplo, a possibilidade de um candidato único de todos os principais partidos, encontrando uma fórmula harmônica que garantisse a manutenção da democracia brasileira, recém restabelecida. Nesse sentido, articulações como a Fórmula Jobim e Fórmula Mineira foram explicadas e analisadas a partir do *Diário da Manhã* e *O Nacional*, explorando também como seus articuladores foram retratados nos periódicos.

Polêmicas envolvendo os nomes de Cristiano Machado, Eduardo Gomes e Getúlio Vargas também foram abordadas. Observando a maneira como cada jornal retratava os três candidatos, seus vices e demais apoiadores. Formulando duas visões completamente distintas, sobre as figuras de Vargas e Machado, principalmente, por representarem, respectivamente, o PTB e o PSD.

Portanto, no segundo capítulo, foi explorada a história de cada periódico, desde sua fundação e os nomes que compunham a formação deles. Ainda, interpretou-se o comportamento de ambos durante o Estado Novo e qual o direcionamento político e ideológico de seus redatores nas eleições de 1950. Quanto ao eleitorado do município de Passo Fundo, buscou os resultados nas urnas em 1945 e 1947, e em quais candidatos e legendas a população votante decidiu confiar seu voto. Seguindo também as peculiaridades das configurações partidárias no estado do Rio Grande do Sul, a lógica política da imprensa

passo-fundense também tinha uma caracterização própria, seguindo o contexto político do município.

Intensas disputas políticas marcaram as eleições de 1950, através de uma polarização evidente entre anti-getulistas e getulistas. Questões ligadas ao trabalhismo foram amplamente discutidas por Getúlio, bem como o papel do Estado na economia, defendendo os interesses nacionais. As propostas de cunho populista apresentadas pelo ex-presidente, em conjunto com as políticas trabalhistas de seu primeiro governo, lhe garantiram, novamente, a cadeira presidencial no Palácio do Catete. Nesse sentido, Getúlio comprovou que ainda tinha prestígio perante parte significativa da população brasileira e alcançou novamente o palácio do Catete, em uma expressão máxima de seu poder político.

As eleições de 1950 foram um marco para a democracia brasileira, deixando um legado duradouro na história do Brasil. O processo eleitoral como um todo foi marcante, envolvendo mais participação popular, seja a partir do voto, ou ainda através da propaganda voluntária, importante para a vitória de Vargas, que tinha a grande imprensa contra si, apoiando de maneira geral, o Brigadeiro Eduardo Gomes. As eleições de 1950 registraram recorde de número de participação eleitoral, superando a porcentagem das eleições presidenciais de 1945.

Durante a pesquisa, meses de publicações do *Diário da Manhã* e *O Nacional* foram catalogadas e desde as primeiras páginas observadas foi possível notar a tendência política e ideológica dos periódicos. Essas, se acentuaram ainda mais conforme aproximavam-se as eleições de 1950, utilizando a escrita para defender, ou atacar os candidatos à presidência.

Os jornais são arquivos do cotidiano, do dia-a-dia da sociedade, das grandes figuras históricas e dos sujeitos comuns, afinal, somos todos agentes históricos. O historiador, especialmente, é um agente da História, desvelando e interpretando esses documentos para elucidar uma determinada trajetória. Ao utilizar esses registros como fonte histórica, pode-se ir além de fatos políticos, observando características socioculturais da época em que fora publicado, tornando-o ainda mais significativo.

Logo, evidencia-se, novamente, o que já fora defendido no início do presente trabalho: a riqueza das fontes de imprensa. Os jornais carregam as nuances e particularidades de cada local de publicação, de seu público leitor, de cada mão responsável pela escrita e edição e ainda, da sua própria trajetória enquanto meio de comunicação. São preciosos registros de sua época, mas é preciso atentar-se, não são neutros e muito menos imparciais, sendo possível realizar inúmeras abordagens, tornando a pesquisa histórica ainda mais interessante para quem a faz.

A partir desse trabalho, abre-se a possibilidade de novas pesquisas. Aprofundando alguns temas que foram abordados, como a importância das imprensas locais em campanhas políticas e a trajetória política de alguns dos vice-presidentes que concorreram em 1950. Afinal, fazer história é isso, estar sempre aberto a novas possibilidades, narrativas e fontes.

FONTES

Periódicos

Diário da Manhã - Instituto Histórico de Passo Fundo (IHPF) - (período de 1950)

O Nacional - Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR) - (período de 1950)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Roberta Teixeira. **A campanha presidencial de 1950 nas páginas dos jornais Correio do Povo e O Jornal e da Revista O Globo: uma análise.** 2021. 111 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/14633>. Acesso em: 01 out. 2023.

ARAÚJO, Maria Celina Soares D'. **O Segundo Governo Vargas 1951 -1954: democracia, partidos e crise política.** 2. ed. Cidade: Ática, 1992.

BARBOSA, Marialva. **Meios de comunicação e História: elos visíveis e invisíveis.** In: V CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. Anais [...] . São Paulo: Facasper, 2007. p. 1-18.

BARROS, José D'Assunção. 3. Revisão Bibliográfica. **O Projeto de Pesquisa em História: Da escolha do tema ao quadro teórico.** 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **História política: o estudo historiográfico do poder, dos micropoderes, do discurso e do imaginário político.** Educere et Educare, [S. l.], v. 4, n. 7, p. p. 147–162, 2009. DOI: 10.17648/educare.v4i7.1739. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/1739>. Acesso em: 21 nov. 2023.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo.** São Paulo: Terra e Paz, 1981.

BENVEGNÚ, Sandra Mara. **Décadas de poder: O PTB e a ação política de César Santos na Metrópole da Serra 1945-1967.** 2006. 262 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de História, UPF, Passo Fundo, 2006. Disponível em: <http://tede.upf.br:8080/jspui/handle/tede/127>. Acesso em: 25 out. 2023.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política.** 5. ed. São Paulo: Unb, 2004.

BRASIL. Decreto-lei nº 9.502, de 23 de julho de 1946. Altera disposições da Consolidação das Leis do Trabalho, concernentes à organização sindical, e dispõe sobre os mandatos sindicais e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em: [DEL9502 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br) Acesso em: 25 abr. 2024.

CÁNEPA, Mercedes Maria Loguercio. **Partidos e Representação Política: a articulação dos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul (1945 a 1965).** Porto Alegre: UFRGS, 2005. 431 p.

CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em Cena. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo.** São Paulo, Fapesp/ Papirus, 1998

MALIN, Mauro. Eurico Gaspar Dutra. In: CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **Dicionário Histórico-Bibliográfico**

Brasileiro. Rio de Janeiro: FGV CPDOC. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dutra-eurico-gaspar>> Acesso em: 25 abr. 2024.

CRUZ, Heloisa de Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa.** Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 35, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em: 01 out. 2023.

DAMIAN, Marco Antonio. **Eleições em Passo Fundo: Dados Históricos.** Passo Fundo: Berthier, 2010.

ESPIG, Márcia Janete. **O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do contestado.** Estudos Ibero-Americanos, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 269, 31 dez. 1998. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-864x.1998.2.27266>.

FERREIRA, Jorge. Apresentação: 1946 * 1964: a experiência democrática no Brasil. **Tempo**, [S.L.], v. 14, n. 28, p. 11-18, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-77042010000100001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/Zn5KnHzSDyDsdcmw5bFPCXb/?lang=pt#>. Acesso em: 28 abr. 2024.

HIPPOLITO, L. **Vargas e a gênese do sistema partidário brasileiro.** Anos 90, [S. l.], v. 11, n. 19, p. 21-47, 2004. DOI: 10.22456/1983-201X.6350. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6350>. Acesso em: 15 out. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pública: Estatísticas do povoamento. s.d. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/evolucao-da-populacao-brasileira.html>. Acesso em: 30 março 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pública: Censo demográfico. s.d. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 02 abril 2024.

JUNGBECK, Benhur de Mattos. **Perigo Iminente: a Segunda Guerra Mundial na Leitura da Imprensa Passo-fundense.** 2005. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Ppgh, UPF, Passo Fundo, 2005.

LOTTERMANN, Luiz Alfredo Fernandes. **Quem é quem? A elite política passo-fundense (1945-1988).** 2020. 197 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de História, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2020. Disponível em: <http://tede.upf.br:8080/jspui/handle/tede/2082>. Acesso em: 28 mar. 2024.

LUCA, Tania Regina de. **A grande imprensa na primeira metade do século XX.** In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2008a. p.149-177.

MAGALHÃES, R.V. **Vargas e a campanha eleitoral de 1950: a questão agrária em perspectiva.** Aedos, v. 13, n. 30, p. 165-180, jan.-jun., 2022

MENDONÇA, Marina Gusmão. **O demolidor de presidentes: a trajetória política de Carlos Lacerda: 1930-1968**. 2. ed. São Paulo: Códex, 2002

MONTEIRO, Karla. **Samuel Wainer: o homem que estava lá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NETO, Lira. **Getúlio 3 (1945-1954): da volta pela consagração popular ao suicídio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

OLIVEIRA, Dandara de. **De São Borja o Catete: A campanha de Getúlio Vargas e a Tribuna da Imprensa na eleição presidencial de 1950**. 2016. 85 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. [S. l.], 18 fev. 1949. Carta. Disponível em: Arquivo CPDOC-FGV. Acesso em: 29 mar. 2024.

PRIORE, Mary del; VENANCIO, Renato. Trabalhadores do Brasil. In: PRIORE, Mary del; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. 3 ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010. Cap 18. p. 318-328.

QUELER, Jefferson José. **“Oh! Gegê! vem nos salvar”:** propaganda política popular (1945-1953). **Tempo**, [S.L.], v. 21, n. 38, p. 131-150, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/tem-1980-542x2015v21n3813>.

_____ Tensões entre memória e história em testemunhos: Getúlio Vargas e seu legado político nos relatos de samuel wainer e carlos lacerda. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 52-70, jan. 2010. Disponível em: [\(PDF\) TENSÕES ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA EM TESTEMUNHOS: Getúlio Vargas e seu legado político nos relatos de Samuel Wainer e Carlos Lacerda TENSIONS BETWEEN MEMORY AND HISTORY IN TESTIMONIES](#). Acesso em: 10 abr. 2024.

RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 453 p.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma História Conceitual do Político** (nota de trabalho). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 9-22, dez. 1995.

SCHWARCZ, Lilia M; STARLING, Heloisa M. Samba, malandragem e muito autoritarismo na gênese do Brasil moderno. In: SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Cap. 14. p. 351-385

_____ Yes, nós temos democracia. In: SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Cap. 15. p. 386-411

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo Branco: (1930-1964)**. 13. ed. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 2003.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Pública: Resultados das Eleições de 1950. s.d.
Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1950/resultados>.
Acesso em: 30 março 2024.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Pública: Resultados das Eleições de 1950. s.d.
Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945/resultados>.
Acesso em: 30 março 2024.

ANEXOS

Anexo 1 - Propaganda política (Diário da Manhã, 12 ago. 1950).



Anexo 2 - Propaganda política (O Nacional, 21 set. 1950).



Anexo 3 - Propaganda política (O Nacional, 21 set. 1950).

